

Adelaide Ivánova

# ASMA



# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#)

;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [convertEPub](#)

202

*Adelaíde Ivánova*

# ASMA

*para*  
*Permínio Asfora,*  
*escritor piauiense de origem palestina*  
*para vovô Raimundo,*  
*agricultor, líder comunitário e leitor de Permínio*  
*para mamãe,*  
*que me deu seus livros*

*... e para todas as La Ursas.*

## SUMÁRIO

Dedicatória

Nota da autora

Livro 1. A tempestade

Livro 2. Memórias do cárcere

Livro 3. Sete bestas-fera

Livro 4. Epitáfio pessoa

Livro 5. Dicionário de medicina fantástica e das ciências populares

Livro 6. Asma

Agradecimentos

Créditos

Ficha catalográfica

## NOTA DA AUTORA

Em 2018, quando este livro saiu da fase da pesquisa para a da escrita, eu queria falar do trauma intergeracional causado pela migração não voluntária, usando a história da minha família materna como ponto de partida – e de retorno. Asma, a doença, seria a alegoria central por ser uma síndrome respiratória com forte teor metafórico: ainda que não se saiba sua causa exata, ela pode ser gerada tanto por fatores ambientais ligados à pobreza quanto por experiências traumáticas vividas pela mãe durante (ou mesmo antes de) uma gestação.

O jogo paradoxal entre migração e repressão estatal contra a liberdade de movimento sempre foi importante para o livro, mas no meio da escrita veio a pandemia – e, com ela, a ideia de confinamento e de adoecimento coletivo como características fundamentais do capitalismo. Eu estava escrevendo um livro sobre uma entidade feminina (uma mulher? Uma vaca? Uma ideia?) migrando sobre a face da Terra, num momento em que ninguém devia se mexer, mas em que só alguns tinham direito de ficar em casa. Assim, minha protagonista foi parar, sem que eu esperasse, numa instância de clausura (um presídio? Um manicômio? Um convento? Um curral?), o que mudou toda a estrutura do livro. Por causa da vida, ele foi se tornando esse épico escalafobético – o que no começo me assustou, mas depois eu não somente abracei como também maximizei.

A caminhada de Vashti Setebestas é longa: ela anda pela face da Terra atravessando o tempo, transmutando-se em muitas entidades, muitas pessoas e muitos povos. Para contar essa história, só com uma multidão de gente ao seu lado. Primeiro, há a Vashti da vida real, talvez o mito inaugural da mulher insubordinada, que foi banida da sua cidade ao se recusar a obedecer a uma ordem de seu marido, o rei Xerxes da Pérsia, na Idade do Ferro. O Xerxes de *ASMA* se torna uma figura masculina dúbia e escorregadia, como são todos os homens numa relação heterossexual – mas criei também seu alter ego bovino, Solimões, que é o amante ou amigo, sensível e solidário, o camarada. Solimões era o nome de um boi que vovô criou, lenda da nossa família. Além desses, há



uma multidão de amigas e companheiras de viagem, bichos, bichas, cangaceiras, cantoras pop, cantigas de roda, a galera d'A *Oresteia* e de outras tragédias gregas, figuras míticas do sertão, as La Ursas e seus companheiros de banda, as putas, as degredadas da Inquisição, as divindades, os refugiados climáticos do Nordeste, os enxotados do latifúndio, os esquecidos, os ignorados, os encarcerados, os oprimidos, os ridicularizados – e os que lutam.

Usei, em alguns poemas, termos que evocam preconceitos – infelizmente, no mundo pelo qual andamos (e pelo qual anda Vashti), as palavras foram e são usadas como instrumento de opressão. Não poderia construir este livro fingindo que as palavras não são ferramentas a serviço da violência (e da resistência!), porque elas integram, ainda que à nossa revelia, a trajetória dos seres femininos (e de outros grupos) ao longo da história.

Com este livro, eu quis abrir a jaula de uma monga, para ela alaurar o mundo com seu desejo de movimento e de comunhão. Ainda que sua voz seja iconoclasta, esculhambatória e, às vezes, grosseira, seu devir é de empatia radical.

**LIVRO 1**

**A TEMPESTADE**

*Um homem foi lá e disse  
Deita aí no chão pra mim te foder  
Eu disse não  
Vou-me embora daqui  
Aí eu saí de lá e vim andando*  
STELLA DO PATROCÍNIO

**MENELAU**  
**RÉ**

Quando foi que isso começou?  
Quando eu disse pra um macho  
Vai te lascar pra lá!  
né foda?, não sou obrigada  
a gastar minha mixaria  
diante de macharia quando  
nem ali eu queria estar  
pra ser bem sincera

Fui arrastada pra lá e pra cá  
em acordos escusos,  
monárquicos, raptos  
casa primo com prima  
tio véio com sobrinha  
a filharada nascendo  
cada vez mais esquisita  
em nome da expansão de impérios

No dia em que seu rei mandou dizer  
que era pra eu fazer strip pros seus amigos  
eu disse não, bicha, chega,  
tá bom de esculhambação  
catei meus panos de bunda e saí  
mundo afora  
mentira foram eles que me expulsaram  
kkk  
isso foi na idade do ferro,  
digaí, uma data, eu belíssima ainda,  
bronzuada, sedas, sandálias, cachinhos

Eu andei demais valamedeus  
mas foi bom pra deixar de ser otária  
uns séculos depois quando cheguei  
não lembro como no ocidente  
ainda deu pra viver um tempo

das coisas que aprendi no caminho  
fazendo atendimento passando receitas  
e costurando, como minhas avós,  
até que as cercas  
presente de grego  
que me deu a imagem do limite  
e a certeza da punição  
em caso de desrespeito

Antes eu conhecia os limites da minha jurisdição  
e produzia meu sustento dentro dela  
depois foi preciso comprar quase tudo  
e agora ninguém entende mais nada  
leis e fronteiras, imaginárias

**O CORO**  
**RÉ**

E como devemos nos dirigir a você?  
Ele me pegou embaixo da mangueira  
enquanto eu brincava  
com as bonecas do milho que meus pais plantavam  
os vizinhos diziam o tempo todo cuidado  
com ciganos e comunistas que eles roubam criança  
mas isso era puro preconceito: quem me raptou  
foi um coroa esbranquiçado

Ah que sorte a sua diziam as vizinhas do  
distrito novo, pra onde fui levada como  
se fosse cachorra pega pela carrocinha,  
coitadas, pobres pobres pobres de marré  
marré marré eu aguentei aguentei  
aguentei até quando deu mas um dia  
não deu mais e no coroa eu dei dei dei

Um marido é só um marido  
é só um homem aleatório que um dia diz  
essa é minha e acha que pode se meter à besta  
e meter o cacete na gente até que belo dia  
virei besta-fera e disse não  
desci o cacete nele e fui embora  
sem ficar pra ver o resultado será que ele  
morreu? eu eu eu antes ele do que eu

A menina entreguei pra vizinha, que prometeu  
cuidar e cuidou mesmo, já eu troquei de nome e de  
cidade,  
primeiro Seteléguas, depois Setemares, depois  
Setebestas, já fui Maria, já fui Ernestina,  
já fui Glória  
agora volto a ser Vashti

Era assim que me chamavam durante a guerra

dos marimbondos e quando saí da Pérsia  
será o nome  
que escreverei em papezinhos de enrolar cigarro,  
com o restinho de tinta de cabelo que guardei num  
pote,  
e jogarei ao longo da estrada de ferro,  
caso me deportem

O papelzinho terá escrito Vashti Setebestas  
o número do trem de doido onde me meterem e seu  
destino  
vai enrolado numa pedrinha pro bilhete não sair  
voando,  
pois quero que o encontrem, aprendi essa técnica  
quanto atuei  
na resistência francesa, judeus e outros deportados  
faziam o mesmo,  
a gente recolhia as bolinhas e procurava o destinatário  
na França,  
na Alemanha, na Silésia, às vezes ele não estava mais  
vivo,  
às vezes tinha emigrado, às vezes,

**O CORIFEU**  
**E O CORO**  
**VASHTI**  
**SETEBESTAS**

Onde começam seus cânticos de deus e de dor?  
Meteram aquele trilho lá e eu não gostei, pronto, achei além de desrespeitoso muito feio, Mongólia de lá, Mongólia de cá, quem já viu? e a gente ali, no meio do quiprocó, sem ter nada a ver com isso andamos e muito desde o início dos tempos muito antes de inventarem telemarketing, trens e trilhos, somos engenheiras hídricas abrindo cacimba à pata dando assim de beber aos nossos e a todos os outros bichos

Agora toda vez que a gente quer passar pro outro lado, é isso: o casco de alguém se engancha, começa a gritaria, o apito se aproximando, o trem passa por cima, é aquele espetáculo: uma de nós espatifada fica pelo caminho, outras vão aleijadas ornejando, as crianças traumatizadas, a récua toda recua, chorando

Agora ninguém mais quer cruzar o trilho com medo, mas a água fica do lado de lá e também nosso alimento, uma succulenta da família das zigofiláceas, muito usada no Paquistão contra a asma, onde moram nossos primos, onagros persas

Além disso sempre há lobos à espreita atrás da gente, se andamos mil quilômetros eles andam mil e meio, temos que estar portanto sempre em movimento em busca



de nosso almoço e pra não virar o almoço  
dos outros

Aonde quer que a gente olhe essa porra  
dessa estrada de ferro se estende,  
o que diabo esses vagões levam, pra que  
esse pantim todo, que diabo tanto compra  
toda a gente? parece que desde 1955  
não tinha uma  
jumenta valente pra cruzar esse trilho,  
aí eu pensei ah eu vou cruzar, que eu tô  
com fome,  
foda-se

ATENA

Fale-nos de sua terra, de seu nascimento,  
de sua vida.

VASHTI

SETEBESTAS

Um boyzinho chamado Roderich Linz sai  
de Ulm  
rumo ao novo mundo pra fazer dinheiro  
pois o açúcar é doce, o pau é duro e a tinta, cara  
nas ilhas conhece uma mulher Kariri que escraviza  
e batiza de Felipa que certamente não foi consultada

Quando Felipa fica grávida de seu dono é uma  
futura parricida que carrega no bucho: Anna  
que anos mais tarde usando misteriosa meizinha  
dá cabo de Roderich, que cai duro envenenado, bem-  
feito

Anna com tédio casa e o marido  
(segundo fuxicos)  
é um judeu catalão fugido  
(de nome Bartolomeu)  
que ela teria denunciado ao Santo Ofício (mas que  
escapa)  
e aproveitando o ensejo denunciaria também (isso tá  
documentado)  
as filhas de Branca Dias (Freud explica)

Dos filhos de Anna não sei muito mas há  
o boato  
de que vêm dela e de Bartô toda a família  
que dizimando os Kariri colonizou a região  
onde nasceram vovó e vovô mamelucos crias  
desta esculhambação fundamental todos mais ou  
menos  
primos uns dos outros se casando entre si passando  
pobreza de herança, gerações de nadifundiários  
com síndrome de charcot-marie

Passam também os séculos e vamos  
de descendentes  
de Bartolomeu Lêdo ao ledo engano  
passam secas, cercas, jagunços, agiotas  
entre capital e cu do mundo famílias se espalham  
filhas somem outras fazem concurso público  
filhos vão ser caminhoneiros outros morrem  
na guerra da borracha ou de tristeza  
em são paulo

Quem fica vira curumba vai trabalhar na cana  
vira asmático não tem jeito  
os médicos vêm de longe, de cidades grandes  
pra bulir com as meninas  
eu, a 15<sup>a</sup> neta de Felipa Rodrigues  
sou a paga do doutor  
torço o rabo, pago o pato  
de cabrita a aquebrantada  
viro asmática reumática neurótica,  
pós-traumática disléxica perebenta,  
Philoctetes peregrina pirigótica

**O CORO**  
**VASHTI**  
**SETEBESTAS**

E quem é responsável por isso?  
Fui expulsa de meu ofício  
para as minhas ferramentas:  
saque e confisco  
a partir de então  
condenada a ficar grávida  
profissão nova: fazer menino  
trabalho que passou  
a ser visto como improdutivo  
pobreza que passou  
a ter a minha cara

Reduzida à dupla dependência  
de um marido  
(se marido eu tivesse)  
ou do patrão de um marido  
(se emprego o marido tivesse)  
que derrota

Fizeram de mim bem comum  
meu corpo e meu trabalho viraram  
“recurso natural”  
tipo o ar que se respira  
a água que se bebe  
passível de ser gratuito  
e indefinidamente  
explorado  
até que alguém tenha uma grande ideia:  
será que um dia também  
me privatizarão  
como privatizaram a terra  
a água  
tudo?

De primeiro era menos ruim  
porque eu ao menos tinha

acesso à terra  
aos bens comuns  
às ervas  
além disso, senhores,  
eu tinha uma profissão:  
eu costurava embornais,  
livros,

**O ADVOGADO  
DE ANDRÉ  
ARANHA**

Tu trabalhava num café, perdesse o emprego,  
aluguel atrasado sete meses, eras uma desconhecida...  
O teu ganha-pão, qual é?

**VASHTI  
SETEBESTA**

A desgraça dos outros?  
Tentava chegar nas ilhas mas as fronteiras  
assim cinco meses se passaram  
no Panamá onde trabalhei  
como depiladora vinte e nove dias  
até me acusarem de roubo:  
doze dólares panamenhos sumiram do caixa  
ao longo de doze dias  
um dólar panamenho por dia

A chefe era ex-cubana  
era assim que ela mesma se chamava  
e foi ela quem me acusou do crime  
sendo que nem fazer conta eu sabia

Antes disso um homem  
que queria depilar os ovos  
botou o pau pra fora  
e ejaculou na minha mão  
enquanto eu trabalhava  
me turva a vista a lágrima nordestina  
matéria fina se misturando à coriza  
e à raiva  
enquanto suor cera e gala rala  
se mesclavam sem convite  
na minha mão

Eu tinha uma colega terrorista  
com nome de flor e nascida nas canárias  
que expulsou o menino  
com um pé de cabra  
e ameaças de morte  
do local

só depois me dei conta  
que fui demitida  
pela nossa autodefesa  
não pelos doze dólares panamenhos  
que de toda forma não fariam falta à dona

É que o menino que botou o pau pra fora  
tinha um adesivo colado no carro que dizia  
Não sou o dono de tudo mas sou filho do dono  
se achava branco mesmo sendo latino  
talvez porque estude direito  
e tenha nascido rico filho de patroa  
nascida pobre

**O CORO**

Quem – qual poder nomeou aquele que  
selou teu destino?

**VASHTI**

No mesmo tempo em que Aruaques

**SETEBESTA**

Astecas

Incas

Tupinambás

Aimorés

Kariris

(etc.)

eram massacrados no novo mundo

no velho trabalhadoras

eram expulsas de suas casas

marcadas como animais

queimadas como bruxas

Para a maioria de nós

a rota de fuga só era uma

as colônias

e o bilhete de ida

a servidão por dívida

ou a pena de degredo

conheci muita puta que cometeu

toda sorte de crime

só pra poder ser enviada

pra América ou Austrália

onde talvez

pudesse começar de novo

feito malu mulher na novela

Degredo também era destino

das condenadas por vagabundagem

da vasta população de mendigas

e desempregadas

das artesãs afundadas em dívidas

das dissidentes políticas

das maconheiras



das bichas sapatãs e outras degeneradas  
além é claro  
das abortistas  
e das desbocadas

**O CORIFEU**

E quem te persuadiu? Quem te aconselhou?

**VASHTI**

**SETEBESTA**

Quando deixei Roterdã  
mula de seu Adriaen  
muitos séculos atrás  
num acordo que hoje se assemelharia  
ao sistema de kafala  
mas que naquela época tinha outro nome  
a privatização das nossas terras  
e a mercantilização das nossas relações  
causaram tanta pobreza  
tanta fome  
tanta morte  
tanta miséria  
que quando subi naquela nau  
serva por dívida  
pensei  
“pior do tô não fico”  
“pior do que tá não fica”  
“queria chupar uma pica”  
brincadeira não foi essa a ordem dos pensamentos  
mas pensar pensei  
é que não queria perder a chance de  
escandalizar o júri  
com essa rima  
riquíssima

**MENELAU**  
**VASHTI**  
**SETEBESTAS**

Que tipo de miragens te perseguem?  
Do púlpito  
ou por meio da palavra escrita  
em depreciação literária  
ou cultural  
todos vocês  
humanistas  
reformadores protestantes  
contrarreformadores católicos  
cooperaram  
constante e obsessivamente  
com meu aviltamento  
o nosso vilipêndio  
fez parte de um projeto  
bem pensadinho cujo objetivo  
era nos deixar sem autonomia  
e sem poder social:  
um projeto de expropriação  
na assim chamada  
era da razão  
(risos)

Colocaram uma focinheira em mim  
me acusaram de desbocada  
mas a arma ou o meu crime  
nunca me foram informados  
até hoje não sei se estou aqui por algo  
que fiz, por algo que disse ou só  
por ter nascido, mesmo

Semanas andei de coleira e mordança  
como se eu fosse uma cachorra  
e era  
Xerxes me exibindo pelas ruas  
eu como sempre caminhando  
já uma amiga minha foi enjaulada

submetida a simulações de afogamento  
coitadinha  
porque se apaixonou por outro homem  
mesmo tendo marido

**O ARAUTO**  
**VASHTI**  
**SETEBESTA**

Você chegou a temer alguém?  
Eu, que já fui do pequeno-almoço  
à loucura, agora estou aqui, desse jeitinho  
se esse menino não parar de chorar  
será que vou ter que degolá-lo,  
para que ninguém nos ache?  
Lampião diz que choro de menino  
incrimina mais que sino de bode  
mas né possível, tanto  
trabalho de parto pra nada?  
Pior que nem gozar gozei  
dado que não dei.

E esse lindo jumentinho  
a quem pertence?  
Ah é teu, Zé? en-ein,  
tão bonitinho

E essa aí, como se chama?  
Salomé, uma babá? Oxe, e  
quem te paga?, se de tanto andar  
do rio Jordão ao Jordão Baixo  
não sobrou um trocado?

Vamos em frente então,  
triste trupe sem tostão,  
que atrás vem Herodes  
ou la migra  
um bandeirante  
a polícia  
ou pior  
um homem

MENELAU  
VASHTI  
SETEBESTA

E quem mais está contra você?  
Já que a rainha tinha ido embora  
sabe-se lá Deus pra onde  
as operárias estavam naquele fuá  
atarantadas pela estrada  
eu fiquei com muita pena mas certamente  
o repelente não daria conta daquele enxame  
Xerxes é claro teria arriscado seguiria em frente  
como é amostrado a valente todo homem  
(que saco)  
eu disse não Xerxes não

Salvei nossas vidas ao decidir que cruzaríamos  
humildes  
o riacho com as chinelas de trás pra frente  
como sempre pra confundir  
jagunços e macacos mas as minhas atolaram  
na areia do rio São José  
ou foi no rio Lençóis?  
já não lembro  
lembro só que do outro lado  
do rio era tudo garimpo  
eu gosto de joias, mas não gosto  
do que se faz por elas  
de perfume eu gosto também  
gosto de açúcar e de Xerxes  
está claro: sofro muito com as contradições

De todo jeito não era pra estarmos na Bahia  
ainda mas estávamos e agora com agravante:  
minha chinela atolada mas não tinha medo  
não muito

é que quando a arenga é muita  
e o enxame, grande  
só se salva o povo que se junta

é isso que eu acho

É por isso, senhores,  
que eu estou aqui?

**CREONTE**  
**VASHTI**  
**SETEBESTAS**

Você sabia que isso era contra a lei  
Solimões chegou no décimo primeiro dia  
fomos então a pé de Sapé a Cabedelo  
visitar velho amigo da época das ferrovias  
lá o mar é grande e os peixinhos, muitos  
há também muitos gaviões  
e muita gente preta trabalhando  
pra pouca gente branca pagando mixaria  
há cavalos pobres  
explorados por homens ricos cavalos pobres  
explorados por homens pobres  
talvez mais pobres que os cavalos dos ricos

Cana tinha a perder de vista  
às vezes verde, às vezes queimando  
nebulizadores de asma abarrotados  
em forma de pirâmide em todas  
as farmácias na promoção o ano inteiro:  
compre um e leve só um mesmo

A garçonete da hospedaria disse  
que desde que o novo gerente chegou  
elas começaram a receber as gorjetas  
que antes iam pro patrão  
até que o gerente foi morto a paulada  
encontrado no canavial  
meses depois

Nesse dia roubamos Solimões e eu  
uma fruta-pão de uma mansão  
que estava podre  
não a comemos mas sempre é bom  
pegar de volta o que é de todos

É isso que é contra a lei?



É por isso, senhores,  
que eu estou aqui?

**ELECTRA**

Me diga uma coisa: por que você vive  
desse jeito?

**VASHTI**

Obrigação de nada eu não tinha

**SETEBESTAS**

fazia o que queria  
comia o que queria  
quem queria  
não tinha esse negócio de obrigação  
de dona de casa  
eu era dona do mato  
a vida era só andar andar andar e pronto

Dadá foi a única que atirou mesmo eu  
não atirava  
porque minhas tarefas eram outras  
todo mundo sabe: a essa altura eu já ia  
meio cega  
de tanto costurar panfleto no escuro  
e Xerxes não podia mais com o trabuco  
depois que perdeu um mindinho na prensa

As operações de impressão e processos relacionados  
podem apresentar uma série de perigos  
à saúde dos trabalhadores  
dores na cintura  
dermatite de contato  
lesões traumáticas cortes  
grandes lacerações contusões  
e até perda completa de partes do corpo  
(amputações traumáticas) e da alma  
(estresse pós-traumático) (etc.)

Sei que sou eu a interrogada  
mas queria fazer uma pergunta:  
na cidade o sujeito sai de casa olhando para os lados  
segurando a bolsa com força  
com medo de ser assaltado

sendo que nos matos  
em vez de assaltante  
era macaco correndo atrás de cabra  
obedecendo a fazendeiro  
a gente tinha que driblar a violência  
de algum jeito

Quando o ladrão é pobre é aquele alvoroço  
mas quando o ladrão é rico ninguém diz nada

É por isso, senhores,  
que eu estou aqui?

AMY  
WINEHOUSE  
VASHTI  
SETEBESTA

Por que você acha que está aqui?

Por me recusar a realizar trabalhos  
degradantes?

Por ser estrangeira?

Por ter o nome que tenho e fazer o que faço?

Por ter outra língua materna?

Por ser perneta?

Por me unir aos oprimidos?

Por acreditar no que acredito?

Por amar quem amava?

Por saber que a Terra é redonda?

Por respeitar a constituição?

Por escrever para mudar o mundo?

Pela viagem

ou pelo meio de transporte?

Pela minha partida

ou pela minha chegada?

É por ter feito o trajeto a pé

ou em jumento

carro de boi

tapete voador

toyota

kombi

moto

montada em lombo de cavalo

com ou sem papéis timbrados

voando

num cabo de piaçava

ou é por ter feito o trajeto e só?

Sei que sento nesse banco menos  
pela minha vontade de movimento  
do que pela minha recusa em aceitar

o inaceitável: a bruxaria é voar para longe  
de trabalhos terríveis tipo aquele  
em great yarmouth em que perdia mortaviva  
12 horas do meu dia degolando galinhas  
com pesadíssima machadinha que produziu  
tendinite diabólica e eu ainda tinha que mijar  
em pé numa fralda por não ter direito  
a descanso pra produzir o iate do patrão  
via carne enlatada? a bruxaria no caso  
é voar  
ou é ter consciência disso?

É por isso, senhores,  
que eu estou aqui?

O CORO  
VASHTI  
SETEBESTA

Lei é lei.  
Se é que dá pra chamar *isso* de lei:  
Não pode  
se rebelar contra o rei  
se rebelar contra seu dono se for serva  
benzer os bichos  
fazer vigília  
pedir esmola  
seduzir casado  
escrever artigo difamatório  
publicar livros nem jornais sem licença do rei  
duvidar dos juízes  
furtar por necessidade  
ajudar escravo a fugir  
usar nome social  
usar máscara  
se fantasiar de padre nem de milico  
vender tapioca nem alfenim se for homem,  
só mulher pode  
mangar do rei  
cortar árvores porque as árvores pertencem ao rei (o  
rei pode desmatar tudo)  
matar abelhas ou animais porque eles pertencem ao rei  
(o rei pode matar tudo)  
ter gado de subsistência  
ter veneno em casa  
fazer festa do tipo “cada um traz um pratinho” (pobre  
não pode fazer festa)  
viajar para países árabes ou muçulmanos  
pagar fiança de um árabe a não ser que seja seu escravo  
desobedecer nem xingar os oficiais de justiça nem os  
juízes

Não pode ser  
herege apóstata ateia blasfemadora  
mentirosa fofoqueira fuxiqueira

feiticeira  
republicana  
trambiqueira malandra muambeira xexeira caloteira  
lésbica bi travesti  
mula sem cabeça nem fazer sabão com freira  
bígama corna adúltera talarica amancebada  
rapariga cafetina quenga puta  
alcoviteira de criminosos em geral  
alcoviteira de escravo fugido nem de macumbeiro  
(agravantes)  
solteira arruaceira vândala  
música seresteira jogadora bicheira piromaníaca  
insubordinada desobediente desertora  
imigrante andarilha vagabunda  
cigana, armênia, árabe, persa, mourisca de granada,  
judia  
moura ou judia que anda sem sinal (agravante)  
abolicionista coiteira defensora dos direitos humanos  
foragida sonegadora  
mãe adotiva  
pedinte pobre mendiga

Ninguém pode nem caçar nem pescar:  
os bichos da floresta e os peixes das águas:  
é tudo do rei  
Quem anda de cavalo é rico  
ganha o nome de cavaleiro  
rico não vai preso  
Quem anda a pé é pobre  
ganha o nome de peão  
pobre sempre será preso  
coiteiro de pobre também  
Fianças só pros ricos  
Tormentos e castigos só pros pobres  
Um corno só pode matar a esposa se for rico  
se for pobre, tem que aceitar a gaia

Se a mulher for estuprada tem que gritar,  
se não, foda-se  
Quem for pobre e tiver dívida responde com pena de  
degredo  
pobres degredados sempre vão com corrente no  
pescoço  
ricos, se forem degredados, vão com corrente no pé  
Lésbicas e feiticeiras serão degredadas para  
o Brasil

É por qual desses, senhores,  
que eu estou aqui?



**A ADVOGADA  
DE JOHNNY  
DEPP**

E isso porque você queria alguma coisa,  
não é? Você queria dinheiro. Você queria aparentar ser  
uma vítima nobre?

**VASHTI  
SETEBESTAS**

Porque um dia eu apareci na cidade sozinha  
sem macho sem dizer  
de onde vinha nem pra onde ia  
inventam a história da minha vida  
histórias de minhas infelicidades  
amorosas aventuras tristes  
que perdi a honra, a hora  
como ninguém sabe nada mesmo  
valetudo  
nem sei o que faço nesse fórum  
nem quem são vocês  
punheteiros de toga  
curiosos de peruca branca

Mais que a honra perdi foi  
a porra da paciência  
já que legalmente declarada  
como imbecil mas passiva de ser  
julgada por crime misterioso  
que os senhores  
não dizem qual foi  
mas dizem que fui eu que cometi

O capitalismo sempre se preocupou  
antes de tudo em evitar  
a fuga do trabalho  
certamente é por isso,  
senhores, que estou aqui

Ou não?

**DOM  
FRANCISCO  
MENDO TRIGOSO,  
BISPO DE VISEU**

Você acha mesmo que dá para acreditar  
no seu testemunho?

**VASHTI  
SETEBESTAS**

Vocês vão me sentar nua da cintura  
pra baixo em cadeira de ferro fundido  
com fogo aceso embaixo pra queimar  
coxa canela bunda e priquito pra tirar  
minha liberdade de movimento  
mas na verdade o que condenam  
é minha caradepau  
de pegar um paudearara  
por ter vontadeprópria  
de viver

Vocês vão trazer carvão  
barril de alcatrão  
gorro de papel afunilado coroa e sambenito  
só Goya vai ser do contra, coitado,  
vai pintar parede, ser taxado de doido,  
escanteado

Vocês vão me espetar um crachazinho  
com indicação de degenerada ou adúltera  
ou judia ou vagabunda ou romena ou paraíba  
qualquer coisa que autorize todos  
a serem meu cão de guarda

Vocês vão me meter num trem de doido  
e me internar em Barbacena

Vocês vão trazer colete de cânhamo  
saco de batata  
vão trazer carrasco

e fazer com que minha família pague pelas custas do  
processo  
e caso ela não tenha um centavo  
o que é o caso  
que paguem os cidadãos do meu povoado  
que vão ter ódio de mim e com o tempo  
de todas as mulheres por fazerem os coitados  
arcarem com mais essa dívida

Então que diferença faz que os senhores  
acreditem em mim ou não e de que adianta  
gastar com vocês trogloditas de toga  
meu precioso cuspe se meu veredito  
já foi decidido antes mesmo de eu nascer  
vamos próxima pergunta vamos  
terminar logo com essa palha assada

ATENA

Então se defenda das acusações,  
se a confiança nos seus direitos a trouxe até aqui.

VASHTI

Diferente de outros países

SETEBESTAS

onde a decisão do júri  
ocorre mediante discussão  
e deliberação conjunta  
entre os jurados  
no Brasil os integrantes do conselho  
de sentença  
não se comunicam entre si

Ao final das exposições  
da promotoria e  
da defesa  
jurados manifestam sua decisão individualmente  
em sigilo  
escolhendo cédulas  
contendo as palavras  
sim e não  
sendo a decisão computada pela maioria  
dos votos  
às perguntas feitas pelo juiz

Quando eu era criança  
mamãe me levava para votar com ela e  
anarquista que ela era  
me deixava colar adesivos do pequeno pônei  
e dos ursinhos carinhosos nas cédulas  
em cima dos nomes de José Múcio Monteiro  
e de Jarbas Vasconcelos  
já que nem um nem outro prestava

Hoje espero que os senhores jurados  
depois de párodo pantim e estásimo  
façam como minha mãe  
não votem

nem sim nem não  
nem um nem outro presta  
porque não ser inocente  
não quer dizer que eu seja  
nem culpada  
nem doída

*Quem perturba a tranquilidade  
pública deve [...] ser banido.*  
CESARE BECCARIA,  
*DOS DELITOS E DAS PENAS (1764)*

**LIVRO 2**

**MEMÓRIAS DO KKKÁRCERE**

*Quantos anos completara há poucos meses no xadrez, presa e surrada pela polícia de costumes  
da Bahia?*

*Vinte e seis? Não pode ser. Quem sabe, cento e vinte e seis, mil e vinte seis ou ainda  
mais?*

JORGE AMADO



**agora que me encontro**

às portas do cilindro  
e de mais um ataque de pânico  
deixa talvez arriar as calças  
e fazer cocô na entrada  
com toda a propriedade  
mijar no pé do guarda e  
me comportar conforme o dress code  
estou de listras e ostento  
acessório apropriado  
para estatal ocasião: a almanjarra  
tá on

só os grilhões foram trocados  
por pulseirinha high-tech  
que apitará caso eu tente fugir  
como se eu  
eu!

meliante perneta e perigosa  
rs  
acusada de inadimplência aborto catimbo maridocídio  
impertinência raparigagem adultério desacato  
a lista é grande e questionável  
pra completar agora viúva do milésimo marido  
tivesse pra onde ir  
acusada de roubar do estado  
como se ele fosse pobre  
e precisasse de meus trocados

me chamam de ladra  
quando sou apenas lisa  
anã paraguaia de meia-idade  
prestes a pagar ainda mais caro  
com essa moeda de troca  
mais desvalorizada que uma pataca:  
meu corpo proletário

por ter solicitado  
sem poder pagar de volta  
e sem saber que deveria  
emergencial e mixuruca auxílio  
que usei pra comprar comida  
e pagar cinco aluguéis  
durante uma pandemia  
que durou muito mais que cinco meses

quando a febre do rato  
roeu um terço da população  
do continente todos os meus  
clientes sumiram e todas as  
encomendas foram  
canceladas  
não vi um rei de roupa roída  
descer de seus castelos  
em nosso socorro  
só são roque dava as caras  
metia a mão na massa  
e nas perebas

jogada às traças  
me virei como podia  
improvisei inusitadas  
matérias-primas  
quando vi que estava abandonada  
à própria sorte pra quitar boletos  
que como os ratos também entravam  
por debaixo da porta  
e feito eles roíam tudo  
que eu tinha

empreendi não por gosto  
mas empreendi  
ai a que custo

agora estatelada na porta  
do xadrez  
penso apavorada  
misto de zen e fleumática  
em listas  
nas listras  
em códigos de barra  
na bombinha de asma e  
se não teria saído muito mais barato  
em vez de me fazer de morta  
morrer de fato

### **óbvio que melhor mesmo**

é não cagar na calçada nunca  
primeiro porque alguém vai ter que limpar  
e não desejo isso nem pra mim nem  
pra ninguém e  
se ninguém limpar é ainda pior  
espalha mau cheiro mau agouro e acumula mosca  
que depois espalha doença

pior ainda é pisar  
na merda quando só se tem  
esse par de alpercatas  
compradas no crediário  
no mercado de são José  
a serem pagas em doze parcelas e  
inutilizadas por motivos de merda  
antes mesmo de quitar

outra coisa: defecar na rua não é de bom tom  
antes cagar no mato  
como as cotias  
adubando a terra  
de onde se vem e para onde se volta

(só pra passar desta pra melhor ninguém precisa de visto)  
com meu cocô espalhar sementes  
contribuindo ativamente  
com nosso reflorestamento

por outro lado  
quem come  
merda caga  
não tem jeito  
e assim sendo  
pra que decoro  
se a pessoa estiver  
por exemplo  
com o cu fazendo bico  
às portas da caganeira  
oprimida por força superior  
chamada de diarreia?

**passado o primeiro susto**  
e o tempo no quixó percebo  
que sobre os cavaletes há tábuas  
aonde chegamos nas tamancas  
pra sentar em tamboretas bambos  
e tomar café fraco:  
mongas castradas  
com brometo de potássio

não há vacina nem guardanapo  
só canecos de lata e o bafo  
que sai da cozinha  
Nise me passa um livro  
encardido entre farelos de pão mofado  
um dia como outro qualquer

a diferença é aprender  
presa e por acaso e

numa língua que foi virando  
mas não é a minha mesmo  
ser a descendência  
dos 5% que sobraram  
depois da passagem de Colombo

o livro chama o legado desse véi de  
“o holocausto americano”  
me pegou de surpresa mas  
não muito e não piro, implodo

odeio a marmota do brometo  
finjo que engulo  
sempre cuspo mas infelizmente  
sempre desce goela abaixo um pouco

### **páginas adiante aprendo**

que pardas caboclas cabras caborés sertanejas mamelucas cafuzas  
morenas nativas negras da terra matutas brancaranas cangaceiras  
pescadoras ribeirinhas rezadeiras camponesas vaqueiras lavadeiras  
quebradeiras de coco boiadeiras marisqueiras povos de terreiro de fundo  
de pasto

são nomenclaturas  
raciais ou laborais  
inventadas e registradas  
pós-invasão  
e eu aqui nessa gaiola  
sem poder fazer nada

o imaginário social  
diz o livro  
e um olhar binário sobre raça  
não associam e não deixam que  
a população não branca  
se associe à ancestralidade indígena:

e eu aqui nessa gaiola  
sem poder fazer nada

apagamento e presídio  
esforços do estado  
para manter a principal lorota  
propagada sobre pobres colonizados  
e povos originários:  
os mitos da passividade  
e do desaparecimento  
sendo que aqui estamos  
nunca não estivemos

**no meio disso tudo**

noto ainda a rejeição da voluntária  
que toda quinta vem dar aula de poesia  
com ares de caridade  
mas que no fundo nos odeia  
só vem porque é bom pra sua pesquisa

me inscrevo no programa porque  
qualquer marmota me ajuda a reduzir a pena  
que eu nem sei qual é ainda  
vou pras aulas da professorinha depois de dar duro  
na olaria, com uma gringa com quem não troco  
uma palavra  
mas sei que ela fala minha língua  
trazida pra essa mucura onde há mil anos  
aguarda sua sentença reza a lenda que ela  
matou um cara e usou a carne pra fazer coxinha

escrevo sobre a antropófaga mas a professorinha não gosta  
e me informa com seu sotaquinho de televisão  
que canibalismo períneo e prisão não são material de poema  
a senhora que disse que a vida é material da poesia  
e minha vida agora é essa

respondo

**Válvula**

Válvula

Válvula

Valvula

Valvulva

Luvaluva

Válvula

Vulva

Motim mortin

Perímetro

Períneo!

Períneo: terra de ninguém

A melhor das terras

Fundo de pasto

Sem gênero e sui generis

Onde não se checam passaportes nem escrituras

Onde todos os refugees e vaqueiros são de fato welcome

Ao contrário da Alemanha da Polônia da Bielorrússia (etc.)

Onde só é welcome quem é white

Terra do nunca

Terra do fogo

Mas toda terra no capitalismo é de alguém

Rügen

Rugas

Rusgas

Riga

Vigo

Viga

Casa

Corpo:

Bucho

Beijo

Boga toba oiti fiofó furico

Fifó é um lampiãozinho

Lampião e Corisco

Cáseo

Cárie

Caspa

Cravo preto

Catota

Creca de orelha (condicionador seco)

Dente podre

Incontinência

Perdigoto

Pentelho

Perdido

Na glote

Todas as árvores que não sei o nome na cidade lá fora que nunca vi

Todas as plantas que enfeitam o pátio cuja função desconheço

Mesmo que eu suba num tamborete nunca consigo ver o pôr do sol da  
cela



**AUTOCUIDADO**  
AUTOMUTILAÇÃO  
AUTOMEDICAÇÃO  
AUTÓPSIA  
AUTOMÓVEL  
AUTODIDATA  
AUTO DA COMPADECIDA  
AUTONOMIA  
AUTOTOMIA  
AUTOCRÍTICA  
AUTOCRÁTICO  
AUTOAJUDA  
AUTOBAHN  
AUTORIA  
AUTORIDADE  
AUTOEXÍLIO  
AUTOFAGIA  
AUTÓGRAFO  
AUTOIMUNE  
AUTO-ORGANIZAÇÃO  
AUTOPIEDADE  
AUTOCONFIANÇA  
AUTOMECÂNICA  
AUTOCRACIA  
AUTOFLAGELAÇÃO  
AUTOESTIMA  
AUTOUTOPIA

## **IDA HO**

*um gangsta rap pra minha professorinha*

[INTRO]

Ida means fate wise/Ida  
means idea (três pontinhos)  
Ida is a verbal word for the way  
(aperte o enter duas vezes sem o shift)  
you see inside your mind (três pontinhos)

Já ho

é uma palavra do inglês arcaico que  
em recifês significa BORA!  
um exemplo: WESTWARD HO!  
que é o que trabalhadores de navio gritavam  
indicando a direção da viagem  
e é também o título  
da novela racista e misógina de Charles Kingsley  
que em recifês se traduz pra “bora pro oeste!”  
(incluir aqui a referência de beckett!)  
(worstward ho – errar mais errar melhor etc.)

[VERSE 1]

you see inside your mind  
eu repito você repete  
e assim sendo HO!  
não é somente whore  
e assim sendo whore  
não é somente whore  
é também: movimento direção  
que são coisas muito maravilhosas  
e dessa forma voltando pro começo do poema  
se Ida significa idea  
e ho significa bora  
Ida Ho quer dizer em recifes

BORA SER HO!  
bora simbora ser whore  
bora simbora sehr whore  
bora simbora Zé whore  
e assim sendo  
se IDA é idea e HO tanto pode ser  
bora quanto quenga  
esse é meu nome de guerra  
e de pena:  
Ida Ho ou seja  
BORA SER QUENGA  
ou BORA SER SÁBIA  
que de acordo com minha teoria  
é a mesma coisa

[VERSE 2]

fique você sabendo  
que quenga vem de quengo  
e quengo significa cabeça  
portanto quenga significa cabeça (risos)  
as palavras são um mistério maravilhoso  
obrigada palavras  
por me salvarem de mim mesma  
da culpa de ser quenga  
sim eu gosto de gist de jizz do meu Dasein do meu Slutsein  
uma clumsy slut com gosto de gist

[CHORUS]

Howdy ho  
Gouda ho  
Who yo ho  
I'm yo ho  
I'm yo Eier ho  
I am Ida Ho

[BRIDGE]

Houdini no  
Gag and Go  
-dard e dardo  
Hot-God to go  
Gagging go  
No seu pau  
São Paulo  
Se acabou  
Na Farinha Lima  
O homexplicou  
Landlordsplaining? Bitch no  
I gosto de vovó de vodka de voodoo  
I gosto de ioiô  
Eu gosto de you – yo!  
Fotze Pfütze  
Foi foda  
Fuckabulary  
Hocabulary  
Rocambole  
Rola mole  
Winehouse cantou  
Slick Rick se fez  
Cool Keith  
Kant kennt die Bundeskanzlerin  
Can't cancel Kurt Cobain  
Sick lips  
Throat: deep  
Vou comer  
Cocôgumelo  
Vou comer Kuh  
Mas sou vegana  
Lieber Dirty  
Liberdade  
Ai as brasas sobre nós  
Um hill silencioso  
Um leiser Bach

Em Lauterbach

[REPEAT CHORUS]

[OUTRO]

Cento e tantos céus não vistos

Da cela suo meio cega

Espero habeas corpus e banho

Antifúngico pra cabeça piriquita e unha esquerda

Escrevo isso entediada

A companheira de cela vigia a rima

Desconfia que não falo tantas línguas

Mas eu que não falo a língua dela

Misto de vergonha alheia e tinha (a doença)

Coço o quengo até sangrar

Quero muito sair daqui em pé e a pé

E quengando

Uma ideia ambulante

É isso que sou

Ida, Ho!

**o que ela quis dizer quando falou “calma, monga”**  
e reclamou que eu era muito malcriada?  
só porque não aceitava a caridade dela?

essa gente vem aqui como se fôssemos atração turística,  
um seriado, Prison is the new Zoo. coloco esse povo  
no seu devido lugar. um dia me arretei e falei que ser

catraia de circo não está incluído na minha pena, que eu sequer  
sabia qual era. tirei o uniforme e saí do pavilhão pelada  
como Deus me fez; quando passei pelo pátio, a curraleira

quase cai pra trás. nua eu não estava, estava ainda de calcinha,  
a diretora gritou “se vista, Vashti”. a professorinha teria gostado  
dessa aliteração de merda. então lhe mostrei a bunda.

foi quando senti o papoco.

**garrote, véi,**  
garrote!  
me peguei gritando  
enquanto limpava o chão do estábulo

garrote! era o que eu gritava  
enquanto via  
meio Rosa Egipcíaca  
o menino Jesus  
via São Salvador Puig Antich  
o último condenado à morte  
por garrote, morto  
por não gostar de Franco  
por ser anarquista um  
garoto! era ainda

garrote! o que eu gritava  
quando chegaram os técnicos  
carcereiros ou veterinários  
sei lá quem eram  
e me deram dose cavalgar  
de qualquer coisa para me calar

mas se sou vaca não cavalo  
como eles mesmos me xingam e alardem  
para que então tamanha dose?

era ainda garrote...  
o que eu mugia  
enquanto pensava babando  
na fila do abate ou “apenas” abatida  
que só não faziam igual comigo  
porque há leis que os impedem

a tiros ou a pauladas é feio mas aceitável  
ainda que espalhafatoso e às vezes até escandalize

quem mesmo assim me come  
não se pode subestimar a dissociação cognitiva dos homens

já por garrote só não me matam por decoro  
mas certamente até assim me matariam  
se pudessem



## **A terra**

porcos ao sol ortografia

é preciso telefonar mandar zap visualizar

domingos cruéis sem visita

tuberculose

jaca estampido cheiro de queimado tijolo veganismo

o amor a timidez a injustiça social o ensino precário

## **A farda**

os dias são muitos são demais não lamentemos

há chances

## **Corpo**

Hemoptise

Siará

Boca do leproso

Gullar

Herpes

Sarna

Tatu-bola

tão fofo

Tatupeba

Mutirão

Motim

Rebelião

Tatu-Bope

Chacina

## **quando acordei dolorida e zoró**

parecia Charla Nash

a moça que foi comida viva

por Travis, um chimpanzé separado dos pais

aos três dias de vida, comprado ainda bebê

por 50 mil dólares por um casal de americanos

Suzy, a mãe do chimpanzé, tinha sido

sequestrada de alguma floresta na África

e levada para o império onde

foi assassinada a tiros ao tentar fugir do cativeiro

provavelmente em busca do filhinho roubado

13 anos depois Travis num compreensível acesso de ódio

comeu a melhor amiga da humana que o comprou e ele,

como a mãe dele, também foi assassinado a tiros

pela mesma polícia para quem antes Travis

dava xauzinhos quando a viatura passava

a polícia que me deformou foi outra

esfera de vigilância extraoficial e superpoderosa

esquisita teia de conchavos

entre diretores e chaveiros

o sistema prisional é o períneo do direito,

pústula

dilacerada das convulsões

e das porradas se encontrava a minha língua

me calar me calei, como queriam

mas Nise pirateou pra mim

um delineador preto

e um rolo de papel higiênico

que usei de pergaminho

nas semanas seguintes me entupiram de brometo

escrever era difícil de tão abilolada

de cada 10 folhas 11 eu jogava fora  
o resto ficou martelando na minha cabeça

a certa altura a professorinha  
parou de dar as caras  
já tinha defendido seu doutorado  
falando de seus feitos como voluntária  
de uma non-governmental organization

quando minha língua finalmente desinchou  
recitei mansinha uma série de paródias, impropérios  
só pra fazer raiva à diretora à curraleira

## AUTOBIOGRAFIA LITERÁRIA NA IDADE DO FERRO

*Quando eu era criança  
brincava sozinho num  
canto do pátio da escola  
totalmente só.*  
FRANK O'HARA

“Quando eu era criança  
brincava sozinha num  
canto do pátio do castelo  
totalmente só.

Eu odiava a corte e eu  
odiava jogos, animais eram  
perigosos e dragões  
nos levavam pra longe.

Se alguém me procurava  
eu me escondia atrás de  
um salgueiro e berrava eu sou  
uma bastarda.

E aqui estou, o  
centro de toda a realeza!  
aprendi a ler e a escrever!  
Quem diria!”

## AUTOBIOGRAFIA LITERÁRIA NO CAPITALOCENO

*E aqui estou, o  
centro de toda a beleza!  
escrevendo estes poemas!  
Quem diria!  
FRANK O'HARA*

“Quando eu era criança  
brincava sozinha num  
canto de casa  
totalmente só.

Eu não entendia outras crianças e  
evitava brincar com elas, vovó  
dava meus bichos pra outras pessoas,  
até meus passarinhos.

Se um tio torto me procurava  
eu me escondia onde desse  
e em silêncio pensava que inferno ser  
a filha mulher da mãe solteira.

E aqui estou, o  
centro de toda a insolência!  
viva e escrevendo!  
Quem diria!”

## VALSINHA DA MULHER POBRE #1

*Ninguém podia fazer xixi*  
VINICIUS DE MORAES

Era uma casa  
só temporária  
não era minha  
era alugada

Eu não podia  
reclamar não  
porque não pude  
pagar caução

Eu não dormia  
a noite inteira  
porque a casa  
tinha goteira

E nem podia  
sair dali  
porque não tinha  
pra onde ir

Ficava longe  
em bairro deserto  
na rua dos Pobres  
número zero

## VALSINHA DA MULHER POBRE #2

*É da natureza desta justiça  
que sejamos condenados não só em completa inocência,  
mas ainda em completa ignorância da lei.*

FRANZ KAFKA

Era uma justiça  
autoritária  
feita pros homens  
esculhambada

Mulher não pode  
reclamar não  
porque nasceu Vashti  
e não Carlão

Ir à polícia  
ela tem medo  
porque a polícia  
diz que é bem-feito

Se aos amigos  
ela pede ajuda  
o estuprador  
processa por injúria

Se denuncia  
o degredo é certo  
pra rua das Putas  
número zero

## CANTIGA DE NINAR ADULTO

Vaca queimada  
quem foi que te queimou?  
    Foi a santa inquisição  
    que por aqui passou  
estado e igreja  
não tão pra brincadeira  
pega essa vaca  
e joga na fogueira

Decapitada  
quem que te degolou?  
    Foi um padreco tarado  
    que me estuprou  
Não polemize  
com a santa igreja  
pega essa mula  
e cortem-lhe a cabeça

Vaca imigrante  
quem que te deportou  
    A polícia de fronteira  
    que aqui passou  
Donos de terras  
subiam mil cercas  
pega essa vaca  
e deporta ela

Vaca sem-teto  
quem foi que te expulsou  
    Foi o dono do imóvel  
    que me despejou  
Locador não perdoa  
a vaca que não paga



pega essa inquilina  
enxota ela da casa

Vaca malhada  
quem foi que te malhou  
    Foi o latifundiário  
    que me escravizou  
Agronegócio  
nos mata sem pena  
pega essa vaca  
e mata à paulada

Vaca furada  
quem que te esfaqueou?  
    Foi o meu próprio marido  
    o que me matou  
Machismo mata  
mas ninguém se importa  
pega essa vaca  
e desce a porrada

## O XILINDRÓ

*releitura de O açúcar, de Ferreira Gullar*

O prédio cinza que abriga meu corpo  
nesta manhã nesta cidade  
não foi construído por mim  
nem surgiu do chão por milagre.

Vejo-o robusto  
e imponente ao olhar  
quase como o corpo de Xerxes, meu Farol  
na Barra, corpo  
que me salva do escuro. Mas este prédio  
não é para isso nem foi feito por mim.

Este prédio veio  
de projetos de empreiteiras escusas, mas tampouco o fez Sr. Ricaço,  
dono da empresa.  
Este prédio veio  
de uma olaria distante  
num estado pobre  
e tampouco o fez o dono da olaria.

Este prédio é de tijolos  
que vieram de olarias quentes  
que não nascem por acaso  
no regaço de Pindorama.

Vindos de cidades perto, porém longe, onde não há hospital,  
nem escola,  
homens que não sabem ler e morrem  
aos 27 anos  
empilharam e rebocaram os tijolos  
que virariam este presídio.

Antes, em olarias calorentas,  
outros homens de vida fria  
e dura  
produziram os tijolos  
sem saber que virariam este prédio  
que separa meu corpo da liberdade e que um dia pode vir a separar o  
deles.

## GALINHAS

*Logo ao chegar, notei que me despersonalizavam. [...]  
uma vez por dia deixávamos a gaiola – um, dois, um dois.*

GRACILIANO RAMOS

### **um**

cedo abrem esta porta pra que eu saia  
o ferrolho muito humilde pede óleo  
presta há anos um serviço diligente  
muito seco em liga ruim e tinta velha  
azul clara como o céu e a depressão  
a luz do sol me encandeia: é meio-dia  
suei em bicas no escuro 12 horas  
eu não de falo de boate sim de cela

### **dois**

para abrir o portal é preciso duas balofas carcereiras de trás dele sai toda  
sorte de bichos esposas dedicadas amigas namoradas mães empregadas  
desempregadas súditas prostitutas todas filhas de alguém todas presas  
políticas duas horas diárias de radiação solar nos antebraços são  
suficientes para produzir quantidade ideal de vitamina D nem mais nem  
menos aqui não há luxo o sistema economiza assim o dinheiro que  
gastaria se nos oferecesse legumes frescos ou qualquer coisa  
minimamente engolível além do choro e do orgulho

### **um**

o sol é o que nos resta  
mas ainda há corpo  
mesmo que eu suba num tamborete  
e fique na ponta dos pés  
como no cabaré  
nunca alcanço o ângulo do sol  
o dia eu só sei que nasce  
por causa da claridade  
mas isso é uma aposta

pode ser que seja um holofote  
a luz do presídio-modelo  
em busca de galinha fujona  
ou vaca

### **dois**

descemos dos beliches  
como as frangas dos poleiros às vezes  
como elas me recuso a obedecer  
sou um bicho do meu tempo

os meus ovos confiscados  
escondo anotações clandestinas  
nas calhas do terreiro  
cisco agoniada o pátio

queria me limpar tal como as lontras  
esse uniforme não é meu e fede  
poliéster faz qualquer um suar mais rápido  
a catanga vai ficando para sempre

### **um**

nas manhãs em que nos deixam ouvir música cada vez que o disco acaba  
parece que caímos do céu voltamos estateladas do pátio o uniforme  
encardido os sovacos amarelados ouvi dizer que as vacas voltam  
voluntariamente pro curral quando o vaqueiro toca música clássica vovô  
setemares me dizia o mesmo também eu se escuto tambores ando por  
chamado ou medo depende do contexto me lembro que na pérsia quando  
tocavam tambores era porque lá longe se viam  
cavalos

### **dois**

tritura minha moela as pedras da memória  
guardo no meu papo fotos inconceptas  
a cloaca diligente se livra do supérfluo  
sento nesses pintos porque gosto e é quentinho

### **um**

quando o doutor sem doutorado  
medroso que só boi de cu branco  
adentra o galinheiro com gel no implante  
e paletó apertado tira da pasta feita do que foi  
outrora mansa vaca um livro  
não é o código penal mas deveria

o doutor sem doutorado cita Ezequiel  
pra nos negar uns habeas corpus já meu corpus  
caga e anda sou galinha não sou otária  
a duras penas esfarrapada  
se caga na salmonela que lhe causo  
mas é ele que me janta, sua canja

### **dois**

dermanyssus gallinae conhecido pelos nomes comuns de bicho-de-galinha, quiquito, pichilinga é um ácaro parasita com até 1 mm de comprimento e comum nas aves a pichilinga é cosmopolita viaja quando cheia de sangue tem coloração avermelhada em alemão pichilinga tem o literal nome de piolho vermelho parasita galinhas, perus, pombos e pássaros em cativeiro, sendo assim considerada praga importante na avicultura pode causar dermatite nas pessoas que trabalham nesta atividade o que eu mais gosto dela é que um dos seus nomes populares é quiquito eu juro haha

### **um**

que alento saber que ao cair da noite  
em que completas 32 anos  
um preá se alimenta  
com medo das jaguatiricas  
e às pressas  
mas muito  
em alagoas  
e eu daqui às pressas e muito

sopro a mesma vela  
do ano passado  
e do outro  
quando fizesse trinta anos  
Xerxes  
e eu ainda solta  
te amava muito  
e às pressas

### **dois**

listo os fatos do meu corpo  
ele é tudo que tenho e conheço  
como se eu fosse meu próprio documentário  
misto de fossa e Nilo  
a fauna a flora que produzo  
além de outros fenômenos dignos de nota  
as cataratas do meu boga  
humilhado num surto de cólera  
ou de maculo as erupções os abscessos  
testemunhas de uma luta entre agentes invasores e minha defesa  
durante essa batalha forma-se pus  
resultado humilde e diligente do processo  
já meus gêiseres são causados por enlatados podres  
desertos alimentares fome de comida nenhuma não deve ser pior  
que a fome de comida péssima  
comédia  
comida com larva e lesma  
parceria curral e nutrifastio®  
sempre descumprido o contrato  
que consiste em 150 gramas diárias de mim mesma  
enchem a comida de osso para atingir o peso combinado  
na fajuta licitação ossos esses que depois eu mesma afio  
e que poderia usar como arma  
mas uso como caneta:  
quando a poesia é boa  
tem mais ou menos o mesmo efeito

## **um**

apesar da fome e de todas as tecnologias  
já disponíveis para coleta de menstruação  
quando estou naqueles dias tiro  
o miolo do pão pra botar na calcinha

apesar de todas as tecnologias já disponíveis  
para controle da fome a fome à qual aqui  
me submetem me força às vezes a comer  
miolo de pão à cabidela de menstruação e às vezes  
a compartilhar o pão e a calcinha com as outras

quando o pão é muito velho não absorve bem  
sangue, é bom pros pombos não pra gente  
mas não havendo outra opção vai pão dormido mesmo  
não é ideal pois o sangue que escorre pelos lados  
é perigoso com tantos tubarões à espreita  
tiranossauros homens

## **dois ventos**

na época do caju as galinhas apresentam os seguintes sintomas  
conjuntivite cocô verde torcicolo e asma  
o bico fica aberto é ruim e faz calor  
a época do caju é a época do vento nordeste o vento cécias  
um dos quatro ventos menores: Nordeste é a região  
com o maior cajueiro do mundo que visitei logo depois que foi plantado  
em 1888: dez anos antes do primeiro surto registrado da doença de  
newcastle  
que causa conjuntivite cocô verde torcicolo e asma  
asma é o sintoma da queima do canavial cuja fumaça o vento leva  
Nordeste afora o vento que assopra fumaça  
atrai multinacionais que se espalham pelos sertões  
o maior parque eólico da américa latina fica na cidade baiana de Caetité  
onde se luta contra elas e onde nasceu Waldick Soriano  
que como eu também era nordestino



e também foi julgado sem saber por quê

## QUINGUINGU AO LUAR

*releitura de canção popular que aparece em O Cabeleira, de Franklin Távora*

*Vashti vem cá  
vem cá nos contar  
como tens passado  
no canavial?*

Mortinha de fome  
sequinha de sede  
me sustentando  
em canções de protesto  
e caninhas verdes

*Vashti vem cá  
vem cá nos contar  
como te prenderam  
no canavial?*

Eu me vi cercada  
de capangas e tenentes  
cada pé de cana  
era um pé de gente

*Vashti vem cá  
vem cá nos contar  
como foste parar  
na colônia prisional?*

Aguardei encafuada  
a prolação da sentença  
sendo “morte social”  
o nome da minha pena

*Vashti vem cá*

*vem cá nos contar  
como deixaste  
a colônia prisional?*

Quando fugi da mucura  
saí diferente  
metade era bicho  
metade gente

*Não existe prisão feita de aço  
que com murro eu não parta pelo meio  
Num momento eu acabo com o esteio  
que alguém, pra fazer, gastaram ano:  
tiro telha, quebro ripa e vergo cano  
de metal ou de aço bem maciço  
Você morre e não faz este serviço,  
só faz eu porque sou paraibano*

DINIZ VITORINO EM BATALHA CONTRA OTACÍLIO BATISTA,  
*ENSAIO MPB*, 27 DE AGOSTO DE 1973

**LIVRO 3**

**SETEBESTAS-FERA**

[...] *cantar o sofrimento de alguns monstros* [...].

MARY DEL PRIORE

## PRÓLOGO EM 80 BPM

Toda gente já conhece  
a história de uma vaca  
que pariu na Pérsia antiga  
como exemplo divinal  
uma Bezerra turina  
pela metade menina  
a outra metade, animal

A história dessa vaca  
em papiros e cordéis  
muitas vezes foi contada  
mas a história dessa filha  
nunca antes foi narrada  
só se sabe de meu nome  
sendo Vashti a minha graça

Asmática e degredada  
carente de sobrenome  
eu já nasci caminhando  
só não sei até aonde  
misteriosa bruaca  
talvez gente talvez vaca  
corria da lei dos homens

Eu passei por tanta terra  
que escrever a minha história  
se tornou minha tarefa  
minha andança diligente  
carece de mais registros  
é por isso humildemente  
que eu escrevo tudo isso

Se a leitora se agradou

vire logo essa folha  
porque a história é longa  
mas precisa ser contada  
pois tem bem uns três mil anos  
que Vashti saiu andando  
uma injustiça danada



## VACA

*Curral é prisão de vaca  
Porteira grande é cancela  
Casa é morada de gente  
Língua de pau é tramela*

JOÃO MELQUÍADES FERREIRA DA SILVA,  
“O CANTOR DE BORBOREMA”

Redonda robusta barbatoa  
e confiável: eu  
que apesar de  
mocha, mansa, manzanza  
logrei a fama de braba  
só organizei motim  
por me ver aperreada  
com chocalho no pescoço  
e ainda por cima algemada

Vaca sempiterna  
ou Estrela de Patativa  
cozida assada e de molho  
carrego na cacunda  
nos quartos ancas e cascos  
teus bruguelos teus brebotes e teu rabo  
saco de capim cana-de-açúcar e tijolo  
carrego sem querer também  
servindo cerzindo cozendo  
por salário não por gosto  
e às vezes até de graça  
o que ordenhei de minhas tetas  
que vocês tomam e tomam da gente a pulso

Queria mandar todos irem se fuder  
e estou mandando  
me faz sentir bem uhum ok  
mas não muda nada

melhor que ficar muda claro  
mas mudar não muda

É insuportável  
mas eu vou fazer o quê?  
me matar?  
feito o Boi da Mão de Pau?

## BOI

*vou caminhando até encontrá-lo*

GABRIELA MISTRAL

Pela fenda das telhas humildes  
passa um facho de luz  
que para na parede da mucura  
desenhando iluminada bolinha  
ali se encontra meu homem

Quando ele muge desce a paz sobre o mundo  
boi-cavalo urubu-rei divino marmanjo  
a quem batizaram de Solimões  
mas só eu sei seu verdadeiro nome  
já que humanos não falam Mu

O santo que dele cuida  
é cuidado também por ele  
relação bonita de trabalho mútuo  
entre foice estrume palma e infinita paciência

Pra lá e pra cá abana o rabo de Solimões  
piscam os olhos de cílios grandes  
espantando as moscas  
que enchem o saco os olhos o cu

Se houver galocha galocha há  
contra jararaca ou larva migrans  
mas se não tiver não tem  
e se morre ou se sobrevive

Bom pra cobra é cobra  
Bom pra asma é cobra  
Bom pra mim é tu

## PIRANHA

*por ter ido tão longe  
não me alcançavam as flechas*

GABRIELA MISTRAL

A culpa dos outros  
não serem o que querem  
é a piranha da terra  
animal versátil e valente  
quem carrega

Bode expiatório do viçar alheio  
alvo do recalque daqueles  
que querem me dar de comer  
ou dar ou comer cu  
mas não ousam  
sem coragem de negar a monogamia  
tampouco de praticá-la  
enchendo as parceiras de doença e gaia  
culpam a mim piranha da terra  
por ter me livrado de caçua e cangalha

Odeiam insolente  
e insubordinado bicho:  
sonsos em geral  
punheteiros seriais  
celibatários involuntários  
os fofoqueiros do bairro

Dá a gota serena e a piranha não se acaba  
pense num animal vigoroso apesar  
de todo o esforço para sua aniquilação  
e mesmo ferozmente perseguida  
a piranha da terra se adapta para não morrer  
e sabendo manejar marés e caminhar caminhos

não entrou nem entrará em extinção

## CABRA

*Muito cabra daqui é capaz de comer rato...  
com a fome que andam.*

JORGE AMADO

Cabra pode ser um eritema das pernas  
provocado pelo calor do fogão a lenha  
eu tenho muito: uma cabra com cabra

Cabra pode ser também uma pessoa:  
um cabra, assim mesmo, artigos mesclados  
categoria racial mas não somente

Só entre 1806 e 1884 foram contados  
entre escravizados considerados cidadãos nacionais  
25 caboclos 33 pretos 37 pardos  
285 mulatos 299 crioulos 377 cabras

Mas um cabra não era todo “homem de cor”  
indicava sobretudo marcador de insubordinação  
eram moradores das fazendas  
trabalhadores rurais  
muitas vezes ligados aos canaviais  
agregados  
meeiros  
curumbas  
cassacos  
caatingueiros  
entendidos como fanáticos  
perigosos  
violentos  
por questionarem certas relações de trabalho

Homens bestializados  
pelo seu sábio desrespeito

ao latifúndio: um cabra  
da peste

Essa complicada tecnologia imperial  
dava nome pejorativo à tentativa de união  
de trabalhadores livres e pobres  
com os escravizados

Um menino nasce e ganha  
nome de santo e sobrenome de seu dono  
se se rebelar, vira gente ao virar cabra  
pode até mudar de nome, se quiser  
quem nunca? Cabeleira, Corisco, Dadá  
Cabrita é o nome do filhote  
que a cabra tem com o bode  
também pode ser apelido  
era como carinhosamente  
vovô Raimundo me chamava  
às vezes me chamava de cabocla  
mas vovó não aprovava

Cabra é a fêmea do bode  
bicha em diálogo com a terra  
nada chega aonde chega a cabra  
sempre perambulando ao longo de rodovias  
pulando cercas  
leva os muros do próprio cárcere  
ambulante prisioneira  
uma cabra tem as manhas  
os carinhos  
os dengos  
os bafafás  
as futricas  
a vontade de dar  
e de dar e receber

Eis porque é a cabra,  
de todos os bichos da fazenda  
a realista, só ela denuncia maus-tratos  
e os revida: marruada é invenção sua  
berrar é com ela mesma



## MULA

[...] *“abaixo de Deus eles deviam ao jumento ainda estarem vivos”.*

JORGE AMADO

Ontem me arrancaram a cabeça  
sofri o ódio dos homens  
os dedos deles em riste  
por isso eu saí andando

À Maria no desterro eu dei carona  
seu degredo por outros decidido  
para salvar a vida de um filho  
que carreguei no fofo do meu lombinho  
como se eu mesma o tivesse parido  
essa marca que tenho nas costas  
de slut-shaming e mijo  
vocês acham que é de quem?  
mas nem isso os sensibiliza  
vou tangendo os bois como a vida  
apenas aparentemente sem cabeça, perdida  
a metáfora é estranha eu sei  
mas não é mentira

Potranca de Menelau  
mula tangerina e vaca  
a pé como os bichos  
guiada e guiando  
pisoteada e pisoteando  
sumindo como o onagro persa  
aos poucos e brutalmente  
substituída por motocicletas

No exercício do êxodo eu vejo  
as etapas das salinas

minucioso trabalho da terra  
carregado por patas como as minhas  
Solimões carrega o carro que leva  
o nome dele e leva também  
trempe estilador lata jirau menino e panela  
para cada 18 quilos de terra  
vosso quilo de sal  
o câncer de nossa pele

Do outro lado do oceano  
um menino foi enforcado em praça pública  
em 18 de janeiro de 1801  
por roubar uma colher  
Andrew Brunning morava na rua  
roubou um talher quando nem o que comer tinha  
tudo que ele tinha era pouco  
inclusive os anos, treze

E em outro continente ainda  
para cada menino morto nas minas  
antes dos 18 diamantes de 18 quilates  
que algum corno em são paulo dará  
a uma esposa infeliz para que largue  
o amante dela ou perdoe  
o amante dele  
curioso mesmo é que no fim  
seja eu a sem cabeça  
sendo que nenhum dos dois sabe  
que o abençoado feijão de sua mesa baronal  
brota de lágrima suor e grito  
e não fazem ideia  
quem colheu o sal  
quem minou a pedra  
quem limpou a fossa  
quem morreu de fome  
quem fez a comida

## GUAIAMUM

*Fio pra nascer tem que ter pai*

*Mas você que não tem pai*

*É fio de guaiamum*

ELINO JULIÃO

O ciclo reprodutivo dos guaiamuns está intimamente ligado às fases da lua no período de desova as fêmeas emigram até cinco quilômetros para o mar eu que ando pra frente e tenho pernas de uns 80 cm preciso de 70 minutos pra andar o mesmo percurso a guaiamôa com suas perninhas bem menores e andando de lado precisa de um a dois dias

Na época de desova a carapaça da guaiamôa muda de cor é o jeitinho dela de dizer que tá pra jogo a fertilização é poligênica e interna que ela não é otária ela armazena e mantém depois da cópula espermatozoides ativos em duas espermatecas repito: ES-PER-MA-TE-CAS sim, uma biblioteca sendo que de gala que se comunicam com as duas gônadas o que lhe permite fecundar os ovócitos sem ter que perder tempo com macho

## A LA URSA

*Era a coisa mais linda do mundo.*

MARIA DE LOURENÇO

EM ENTREVISTA A MARILIA SANTOS

Eita calor do caralho  
aqui embaixo dessa estopa toda  
saracoteio desde manhã cedo  
com minha trupe abichando dinheiro!

Suando em picas e dando pinote  
o meu caminho eu vou abrindo a grito  
nunca vou só porque sozinha é feio  
se vou sozinha até vou ligeiro  
mas em conjunto a gente vai mais longe!

Sou a La Ursa e quero seu dinheiro  
não só para mim mas para todo mundo  
meu peneirado prova a que veio  
eu sou La Ursa ensinando ao mundo  
que bicho é gente e merece respeito!

Aquela corda não se usa mais  
e o Caçador já virou meu amigo  
o Tesoureiro junta o dinheiro  
que ele depois dividirá com todos  
(tu achasse mermo que eu ia rimar “comigo”?!)

Quem muito tem mas sem compartilhar  
quem vive de explorar trabalho alheio  
ou quem vive do aluguel dozôto  
o nome desse não é pirangueiro  
e nesse caso tá bom de aprender  
que a gente vai expropriar você!

Bicha comuna de papel machê  
sou barulhenta berro o que penso  
se incomodo é porque brilho muito  
vamos atrás eu e o meu conjunto  
sou besta-fera exigindo direitos!

Espalhafatosa bicha à fantasia  
feita de estopa ou de samambaia  
a pé dançando subindo ladeira  
posso pernar a minha vida inteira  
da Pérsia Antiga até o Bairro Novo  
em nome da divisão das riquezas!

## BESTIÁRIO #1

*(sem ofensa para os porcos  
vivam os porcos!)*

ADÍLIA LOPES

Vaca

Cavala

Piranha

Galinha

Baleia

Porca

Cachorra

Víbora

Lesma

Cobra

Burra

Jumenta

Besta

Anta

Gado

Bicho-grilo

Mata-burro

Barata tonta

Mosca-morta

Bicho-papão

Mão de vaca

Febre do rato

Bode expiatório

Boi de piranha

Boi de cu branco

Amigo da onça

Metida à besta

Bicho do mato

Operação tartaruga

Bicho de sete cabeças

Virar bicho

Comer mosca

Pagar o pato

Fazer porcaria

Fazer asneira

Estar com a macaca

Estar bichado

Ir pentear macaco

Matar cachorro a grito

Dar com os burros n'água

Fazer papel de besta

Matar a cobra e mostrar o pau

Atirar o pau no gato

## BESTIÁRIO #2

*Ofereçam ao Pai o cansaço dos velhos cavalos,  
burros, jumentos e bois.*  
DOM HÉLDER CÂMARA

Quando uma pessoa ingressa numa universidade  
é nomeada e tratada como bicho  
o tom é negativo

Bicho é uma gíria  
interjeição ou tratamento coloquial  
de tom neutro  
popularizada por Roberto Carlos  
que de neutro tem bem pouco

É o bicho  
é uma gíria elogiosa  
a única que eu conheço que faz jus aos bichos  
usada obviamente no Nordeste brasileiro  
que também não é neutro  
é o bicho



### BESTIÁRIO #3

*a La Ursa quer dinheiro  
quem não dá é pirangueiro*

SABEDORIA POPULAR

Diferente das moedas anteriores  
o real não traz na sua nota  
personalidades históricas  
mas sim animais da fauna brasileira

As famílias das pessoas homenageadas outrora  
como a do poeta Mário de Andrade  
já haviam reclamado da cara do parente nas notas

Além disso a moeda precisava ser cunhada rápido  
não havia tempo hábil para negociar com famílias  
optou-se assim pela solução mais rápida  
e que jamais reclamaria

Diversos bichos foram considerados  
a piranha  
o tucunaré  
o lambari  
o lobo-guará

Já vacas  
porcas  
galinhas  
jumentas  
cabras  
a La Ursa  
a Monga  
o Boi Fubá  
o Bode Ioiô  
a Vaca Estrela

o Chupa-cabra  
Caramelo, o doguinho  
apesar de serem bichos  
que muito fazem pelos brasileiros  
não foram considerados bons candidatos

Por fim escolheram  
beija-flor  
garça  
arara  
onça-pintada  
garoupa  
mas nenhum deles  
ou suas famílias  
foram consultados

## BESTIÁRIO #4

*Não venho mais no Salgado  
Nem que eu morra de fome  
Porque lá me aperream  
Tudo quanto foi de homem*  
FABIÃO DAS QUEIMADAS

Os bichos que não foram comidos morreram de inanição  
no cerco a Leningrado

Primeiro sumiram os gatos depois os cachorros  
depois os pássaros e com o tempo sumiram até os ratos

Cavalos famintos caíam mortos enquanto arrastavam  
carroças cheias de pouca comida para tantos humanos

Uma das táticas usadas pelos nazistas para vencer os soviéticos  
foi o Plano Fome que os nazis cumpriram à risca

O cardápio incluía papel de parede, argamassa, sopa de couro fervido  
às vezes incluía gente

64% dos canibais eram mulheres viúvas ou mães solo com filhos  
pequenos  
o que me faz lembrar de “Vietnã”, aquele poema de Wisława

Foi criada uma espécie de gelatina que servia de ração humana  
extraída de porco galinha ou boi

Os bois antes de virar gelatina eram forçados a puxar carroças  
carregadas de livros para a fogueira, eu vi

No campo de trabalhos forçados Paul Celan subnutrido enchia de livros  
as carroças que aboiava rumo ao fogo, eu vi

A fome que em Leningrado matou um milhão e meio de russos

matou entre 1875 e 1900 uns dois milhões de nordestinos, eu vi

Uma flagelada, acossada pela fome, matou os filhinhos.  
Foi presa, seu retrato cavalariço ilustrando uma revista no rio de janeiro, eu vi

Em Gaza segundo a ONU 63% das casas viviam em estado de insegurança alimentar antes do sete de outubro, eu vi

E ainda há quem reclame de Fabiano que matou Baleia e de Sinhá Vitória que comeu o papagaio, eu hein

## BESTIÁRIO #5

O animal como coisa

A vaca como coisa

A doida como coisa

A mulher como coisa

O animal como o animal

A vaca como a vaca

A mulher como a mulher

A coisa como a coisa

A doida como a doida

O boi come a vaca

A piranha come o boi

A mulher come a mulher

O homem come o homem

O homem come a mulher

ou seria o contrário?

O corno como o corno

O veado como o veado

O bicho como o bicho

A bicha como a bicha

A piranha como a piranha

A Monga presa como Vashti

Vashti livre como a La Ursa

A La Ursa quer dinheiro

quem não dá é pirangueiro

Cobra para curar asma

Cobra para curar picada de cobra

Pele de cobra para curar

não sei qual doença dos porcos

Mas quando a cobra fica doente  
fica doente de quê?

Quando a cobra morre  
se não morre de morte matada  
morre uma cobra de quê?

Do que uma cobra precisa?  
Como a cobra se automedica?  
Será que ela também fuma maconha?  
Será que ela também se esfrega  
no tronco da copaíba?

*Nos primeiros quatro séculos de formação do Brasil, inumeráveis rebanhos de gado conduzidos por boiadeiros, tropas de mulas e cavalos, índios, Santa Inquisição, onças, beija-flores, naturalistas, escravos, cavaleiros, cães, missionários e galinhas formam uma legião, uma estranha rede na qual [...] os atores não são comparáveis e, no entanto, estão todos envolvidos na mesma história [do Brasil].*

ANA LUCIA CAMPHORA

**LIVRO 4**

**EPITÁFIO PESSOA**



*A avalanche de nordestinos que avança sobre São Paulo cria dificuldades para a administração pública. Para nós, paulistas, a solução rápida do problema tem grande importância. É preciso tomar uma série de providências para evitar que a população do estado de São Paulo venha a sofrer, na sua saúde, com a entrada abrupta de tantos milhares de nordestinos, muitos dos quais são portadores de moléstias contagiosas.*

EDITORIAL D'O ESTADO DE S. PAULO,

1º DE MARÇO DE 1952

## DISIDROSE

Apesar de todos os cuidados preventivos  
sobriedade exercícios físicos terapia roupa de algodão  
vegetarianismo  
as águas do meu corpo endoidam  
e afluem como os rios  
que vão dar no São Francisco  
meu pé esquerdo virando foz  
onde se encontram

Peleja aí bolhosa pororoca  
febril e inchada  
implode em minigêiseres  
que me tiram o sono  
em desembestada coceira  
e uma lista de paliativos  
que nunca curam só aliviam  
e às vezes nem isso

Com as pastinhas de cura-facada  
colhidas no monturo me uno macambúzia  
à sabedoria de velhos caboclos  
e garimpeiros  
me rendo à toda sorte de mezinhas  
babosa gelada  
canjica branca de fazer munguzá, fervida  
e, tal qual os bichos,  
óleo de copaíba

Pomadas com ácido salicílico também ajudam  
além dos truques mecânicos  
cortar a unha até o toco  
gelo  
gelo de novo

pinça  
agulha  
álcool 70  
pés pra cima e choro

Tudo que sou deixo de ser  
pra me coçar, cachorra de rua,  
metáfora

## DA ÁGUA

Hidrocele

Disidrose

Barriga-d'água

Diarreia

Disenteria

Desidratação

Hidrocefalia

Amebíase

Cólera

Leptospirose

Hepatite A

Esquistossomose

Febre tifoide

Diabetes

Prisão de ventre

Doenças das águas

do excesso

ou da falta

ou do medo de faltar

versão potável

por perto

Do outro lado do rio imenso,

Cabeço, engolida pelas águas

do mar exagerado, avançando rio adentro,

é Sergipe, ali, alcançável a nado

desde esse lado onde tudo é

latifúndio

migração

cana

coqueiro-anão

O que matou Baleia não foi a hidrofobia  
foi antes a suspeita

Deve haver ainda outras  
moléstias que desconheço  
além das mesmas de sempre  
que desde sempre  
me preocupam:

asma

disidrose

eczema

solidão

sarna

## SARNA

*[...] o verdadeiro perigo infeccioso que representa  
essa legião de nordestinos incapazes, aleijados e doentes,  
praga social a espalhar o vírus da desordem e de todas as moléstias [...].*

*GAZETA DO NORTE, MINAS GERAIS, 1935*

Na mucura manauara  
pra onde me levaram depois  
de ajudar Ajuricaba a fugir  
escutei um dos guardas  
contar que vendia clandestinamente  
muitos dos meus livros apreendidos  
pois a procura era grande e o lucro era certo  
(eu nunca nem vi a cor da bufunfa)

Estava eu na cela compartilhada com  
outras mães companheiras filhas de manaós  
rebelados ou meninas rebeldes que mataram tios  
tarados, com razão, quando um dia o chefe da prisão me chamou  
para perguntar por que eu estava presa  
já que ele mesmo não sabia kkk

A certa altura fizemos protesto  
pelo fim de pulgas, percevejos, calor e catinga  
um motim inclui bater canecos  
jogar bosta nos recrutas em visita  
cuspir nosso escorbuto na cara de quem chegasse perto  
greve de fome a gente tentou mas aí é que tá  
nem o que comer tinha

O que se queria era o básico: um pé de juá no pátio  
pra aliviar nossas coceiras que nos dessem  
vinagre e aroeira pra usar em banhos de assento  
e violeta de genciana pra remediar candidíase  
que mais cedo ou mais tarde compartilharíamos  
porque era tanto estupro que Deus nos livre

mas a água era tão suja que  
nunca daria certo de todo jeito

Quando todos prisioneiras e guardas  
pegaram sarna na prisão  
fizeram só conosco o mesmo que depois fariam  
em Treblinka e com Carmelita Torres cruzando Ciudad Juárez:  
fumegaram a gente com DDT e Zyklon B  
praga se elimina com veneno, disseram  
só não disseram a qual praga se referiam  
ao ácaro, à gente?

## CANDIDÍASE

Caramujo fungo cogumelo ouriço  
ostra pântano charco floresta fossa  
eu  
os bichos  
terríveis que levantam  
acampamento em colchões celas  
e sobancelhas

Tenho na cabeça  
boletos despejos preocupações  
e entre as pernas  
cultivo fazendas hortas  
que produzem  
champignons bolor levedura mofo  
que se reproduzem e produzem  
fluido amarelecido poesia ruim cheiros estranhos  
comichão calor estresse água branca  
que demandam  
receita médica farmácias cotonetes elástico  
fila paranoias piadas máscara lenços de borracha  
para que o beijo grego seja higiênico ou eugênico

Fazem parte do corpo ainda  
fronte têmpera cartilagem septal céu da boca  
sonhos de adolescência  
benzina valium heroína assuero xerxes abraão e jacó  
seus assuntos, suas portas trancadas

Copinhos descartáveis exame de urina vibrador  
diafragma O.B. DIU nuvaring  
(marca registrada)  
e outras siglas  
indecifráveis



cabides agulha de tricô pessários  
aspirador de embrião, de pó  
seringa de plástico  
clotrimazol etonogestrel etinilestradiol  
vagina adentro  
vagina acima  
vagina afora  
vagina abaixo

## PRISÃO DE VENTRE

*Minha dor de cabeça é da vida.  
E começou com o nascimento de minha mãe.*

MARILENE FELINTO

Minha prisão de ventre me antecede  
como a enxaqueca de Rísia  
começou quando nasceu Adelaide, a mãe dela  
ou como o azar de Ifigênia que começou com  
Clitemnestra grávida: desde antes de eu nascer  
eu já não cagava, constipação ancestral  
que é certamente fruto de uma agonia anterior,  
que desconheço

Há ainda a questão da infraestrutura:  
ter prisão de ventre ou estar presa num ventre  
não é como estar presa em Moria ou em Erechim  
nos anos 90 a cidade inteira fedia  
o pixo mais famoso do estuário aludia a isso  
e o adjetivo mais usado era alma sebosa

Na frente da nossa velha casa  
construída, como as outras, sobre um aterro  
num bairro perigosamente próximo de um canal  
onde moravam em mútua vigilância  
quatro mulheres  
um esgoto estourado reproduzia o humor da lua  
tinha sua própria maré de bosta  
diante dele as crianças da rua se reuniam  
apontavam pra uma merda qualquer e  
mangando me perguntavam  
*É essa a tua?*  
vocês não sabem desespero o que eu sentia  
ao ver o que provavelmente era meu tolote  
flutuando rua afora no pingo do meio-dia

fruto estranho navegando o bairro  
ao longo do meio-fio  
na grande fossa que era e é a cidade-estuário

Eu preferia não cagar nunca  
a virar chacota das vizinhas  
de quem eu já sentia vergonha:  
elas, com suas famílias nucleares,  
parentes funcionais, seus pais presentes,  
seus cabelos lisos, seus traços finos, seus cachorrinhos  
eu, filha de guaiamum,  
meus tios tarados, meu pai ausente,  
meu cabelo crespo, minha cabeçona, meu bigodinho

Perdi as contas das vezes que criança caguei pedra  
a água do vaso se banhando de vermelho  
como num parto, morta de vergonha e medo

## MACULO

Era uma enfermidade endêmica  
presente em muitas partes do mundo  
mas que durante o período colonial  
fez de Recife fiel morada  
qualquer um sem água encanada  
poderia desenvolver a doença

Outros nomes da moléstia: corrução,  
mal de bicho, achaque do bicho, mal do sesso  
Na américa espanhola ganhou ainda outros nomes:  
enfermedad del guzano, el bicho, bicho del culo, mal del culo  
e no kimbundu ma'kulu nascendo assim  
o nome mais famoso da doença  
título deste poema

Caganeira fruto de retite inflamatória  
que poderia ser ou não causada  
por infestação de larvas de moscas na pele do toba  
cujos sintomas incluíam febre  
muco malcheiroso  
dor de cabeça aguda  
ulcerações com relaxamento do furico  
às vezes evoluía para a gangrena retal  
quando vinham os efeitos neurológicos  
entorpecimento, sono, delírio

Maculo é uma doença da pobreza, que mata

Para combater as larvas das moscas  
eu espremia o sumo do tabaco no local infestado  
Para a infecção propriamente dita  
prescrevia banho de assento, enemas  
introduzia fatias de limão no cu dos enfermos

ou aplicava pólvora em forma de pírola ou saca-trapos  
Para a caganeira eu recomendava marmeleiro,  
capim-gordura, catingueira  
Uma vez vi no finado yahoo respostas  
que o melhor método contra caganeira  
é colar o cu com durepoxi  
nunca ri tanto

Havia ainda os supositórios de pimenta-malagueta  
e erva-de-bicho  
que além de tratar maculo  
também podia ser usado como abortivo  
mas um dia me prenderam  
acho até que foi por isso

## CÓLERA #1

*Os loucos vão ser finalmente  
mandados para hospitais!*  
MATÉRIA SOBRE O ENVIO DE NORDESTINOS  
PARA HOSPITAIS PSIQUIÁTRICOS  
*GAZETA DO NORTE, MINAS GERAIS, 1939*

Esta é já a terceira vez que grito com o espremedor de laranja:  
espero que ninguém tenha visto.

Antes quase derrubo do teu quarto a porta, depois de deveras  
falar contigo sem saber de teus fones no ouvido, e não obter resposta.

Esses dias me aboletei na frente de um alemão  
que ousou passar na minha frente, na fila da Rossmann.

Eu sei que sob as regras de etiqueta eu estava certa  
mas nas regras do racismo uma imigrante deve sempre ficar pra trás.

Ele protestou, reclamou seus direitos, dizendo eu cheguei aqui primeiro.  
Na fila ou no país? pensei, e saber a resposta faria toda a diferença.

Quando eu respondi que havia uma ordem anterior à sua chegada, ele  
retrucou:  
tranquila tranquila, assumindo que, não sendo loira, só podia ser  
hispânica,

ainda por cima assassinando a língua de Cervantes com sua pronúncia  
de nazi.

FALE COMIGO EM ALEMÃO, berrei indignada na língua de Goethe,  
cumprindo a profecia:

ele desatou a rir ao me ver perder as estribeiras, como seu preconceito  
previra,  
sendo que eu estava de boas antes, apenas reivindicando meu lugar  
original na fila.

Não sei o que tem no mundo novo que me deram: antes sob estresse eu ficava triste, implodia. Agora chuto as coisas, gargalho, quebro bibelôs, grito de volta.

Quando passa, penso: se o pânico é o gigante do minimalismo, um ataque de cólera é o rei do espalhafato.

## TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO

*releitura de um poema de Eritácio Pessoa*

Ruídos,  
pesadelos,  
calafrio,  
insônia,  
pensamentos  
intrusivos  
são alguns  
dos sintomas:

No meio do banho, em questão de segundos  
A água escorrendo, eu sumo do mundo  
Lembrando e lembrando, de repente, do nada  
Do dia em que fui deveras esculhambada.

A vida piora,  
paralisantes  
os indícios:  
taquicardia,  
sudorese,  
baixa libido,  
hipervigilância,  
irritabilidade,  
tontura,  
bruxismo,  
distração,  
dor de cabeça,  
susto exagerado:  
eis o transtorno  
de estresse  
pós-traumático.

A esta cruz eu suplico que o doutorzinho pedófilo  
um dia se mate com chá de cicuta  
que em baixa dosagem alivia a asma



mas na dose certinha  
mata um filho da puta.

## A PESTE

Quando chegou a vez de Xerxes  
quase que ele se lascou de vez  
O amado corpo definhava em  
catarro pigarro  
borbulhas febres  
barulhos estranhos  
humores  
que saiam do seu quarto  
onde se encontrava o gato do Xerxes  
há dias trancado, os ratos roendo tudo

Com ciúme o imagino do outro lado  
da parede, batendo punheta  
quando na verdade a única coisa  
que ele está batendo  
é nas portas da morte  
suando em bicas  
sem sentir gosto  
também eu batia à porta  
para trazer-lhe o necessário  
três batidas para a comida  
duas se fosse água  
uma só pra aporrinhar e lembrá-lo:  
se tu morrer eu te mato

É 1907  
a peste assolou  
de Exu a Garanhuns  
mas ninguém ligou:  
comprei o gato-maracajá  
de seu Célio e dona Alzira  
achando que o problema eram os ratos  
mas eram as pulgas

Se não morrer Xerxes vai andar  
de skate e ser muito magro, no futuro  
mais magro ainda que agora  
convalescente em pústulas  
tocará solos de guitarra que não serão  
suficientes pra me conquistar  
mentira serão kkk

Foi só quando ele quase morreu que notei  
que se ele morresse mesmo seria muito triste  
por vários motivos sobretudo porque  
eu me sinto tão bonita andando na rua  
depois d'ele me comer

## RAIVA

*É opinião generalizada nos meios científicos  
que a terrível moléstia da xistossomose,  
foi trazida pelos nordestinos para São Paulo.*

EDITORIAL D'O ESTADO DE S. PAULO,  
18 DE MARÇO DE 1952

Depois de tudo que passei  
ficaram os cacos:  
Tinido  
Transtorno de estresse pós-traumático  
Dermatite atópica  
Disidrose  
Eczema  
Síndrome do intestino irritável  
Asma  
etc.

Há ainda as doenças temporárias,  
que peguei por acaso:  
Sarna, sarampo, papeira  
Catapora, herpes, covid  
Dengue, lombriga, gripe

Há aquelas as quais driblei,  
sei lá eu como:  
Cólera, filariose, varíola  
Peste, esquistossomose, tracoma,  
Oncocercose, malária, chagas  
Lepra, leishmaniose, raiva

Se bem que raiva eu passo muita

## CÓLERA #2

*[...] imprestáveis, loucos, portadores de moléstias contagiosas,  
cegos, aleijados, papudos, tracomatosos, beócios, mendigos, prostitutas, vagabundos,  
mentirosos, criminosos [...].*

*GAZETA DO NORTE, MINAS GERAIS, 1939*

No terceiro surto de cólera  
que começou na Rússia  
e foi parar na Inglaterra  
matando muita gente  
eu já morava aqui há um tempo  
e a cólera veio também

Doenças são como as nuvens  
viajantes insubordinadas  
não conhecem fronteiras

Me acusaram de bruxaria  
por receitar soro caseiro  
para os doentes e  
faxina para os saudáveis  
dedurada eu quase morro  
fugi de madrugada  
e olhe que não curei poucos  
mas para os fidalgos pouco  
importam as vidas salvas:  
para eles o importante  
é que corpos operários  
estejam sob controle e  
que bebês estejam sempre  
a caminho  
custe o que custar  
nos buchos das proletárias

no Nordeste brasileiro  
a epidemia dos anos 90

durou uma década  
com mais de 150 mil casos  
felizmente com seu controle e eliminação  
em 2000 apenas casos isolados  
foram registrados

Numa googlada rápida  
você fica sabendo que a causa oficial da cólera  
segundo a oms  
é um negócio chamado “pobreza”  
e que o tratamento deve ser antibiótico  
mas se a pobreza é a causa da cólera  
do maculo e tantas outras doenças  
não seria mais sensato  
em vez de erradicar a doença  
erradicar a causa da pobreza?

## DOENÇA OCUPACIONAL

*[...] o temperamento esquisito,  
avesso ao trabalho,  
do sertanejo baiano [...].  
Reina aqui, por isso, incrível miséria.  
SPIX E MARTIUS, VIAGEM AO BRASIL (1828)*

Hérnia de disco  
bico de papagaio  
joelho estourado  
lesão no quadril  
micoses  
traumas generalizados:  
doenças do meu ofício

Isso tudo é minha paga depois de passar anos curvada  
sobre cus e periquitos  
depilando pentelhos de homens e mulheres  
e assim facilitando os boquetes  
que talvez alguns chuparinos façam  
mas nem sempre

Abelhas gostam de mel  
moscas gostam de cocô  
as doenças do mundo  
que pegamos com homens tratamos  
com mastruz no azeite doce  
leite de sapucaia  
melão-de-são-caetano  
pau-casca  
galho de sabugueiro  
unguentos de cravo-de-defunto  
antivirais antibióticos

Depois eles enjoam da gente  
vão atrás de outras

levam tudo  
deixam pra trás filhos,  
dívidas, ISTs



## IST

Se diz que em tempo de murici  
cada um cuida de si  
mas se alguém ficar doente  
eu que cuidasse de todos  
e cuidava deveras  
agora o curioso é que a “curiosa” aqui  
não pode indicar contraceptivos  
ou praticar abortos nas mulheres  
mas os senhores não têm pudores  
de dar as caras pedindo chá  
de tampa de charuto  
quando estão com o ovo inchado  
ou seiva de murici para  
passar nos umbigos  
infeccionados de filhos ilegítimos  
que nunca assumem  
ou na gonorreia das pitocas  
que nunca lavam

O muricizeiro é  
uma espécie rústica que se adapta  
muito bem a solos de poucos nutrientes indicado  
para áreas degradadas produz  
um tipo de fruto drupáceo de polpa edula habita  
maciçamente os cerrados e a caatinga  
seu período de floração é  
logo após a época de chuvas proporciona  
flores durante toda a estação seca

É bonito o fruto do murici  
resistente à aridez do solo  
à secura do tempo  
à solidão

permanece florido mesmo quando não chove  
parece que o provérbio que abre o poema vem daí  
pois é a época em que passamos por certas dificuldades  
“cada um que se vire pra aguentar a seca”  
mas tá errado  
sozinho ninguém aguenta  
nem cura nada

## ASMA OCUPACIONAL

*Em usinas escuras,  
homens de vida amarga  
e dura  
produziram este açúcar  
branco e puro  
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.*  
FERREIRA GULLAR

### **dos mineiros e metalúrgicos**

trabalhando a martelo metais candentes derretem prata: contraem asma e ainda perdem os dentes

### **dos douradores e ourives**

sofrem vertigens, tornam-se asmáticos, ficam paralíticos e tomam um aspecto cadavérico. poucos envelhecem nesse ofício a asma dos douradores é convulsiva

### **dos vidraceiros e fabricantes de espelhos**

operários especializados na manufatura de espelhos sofrem de asma pois têm de cobrir de mercúrio grandes placas de cristal espelho, espelho meu existe trabalho mais horrível que esse?

### **dos que trabalham com gesso e cal**

aqueles que permanecem nesse trabalho tornam-se asmáticos caquéticos e morrem quase todos

### **dos padeiros**

na inspiração penetram partículas de farinha, que se misturam ao muco natural do corpo, ficam tossindo, ofegantes, se tornam roucos, hidróticos, asmáticos

### **dos peneiradores e medidores de cereais**

a acidez do pó dos cereais provoca, em todo o corpo, intenso prurido. são todos fatigados, caquéticos e raramente chegam à velhice, contraem

com facilidade asma e hidropisia **dos lapidários, estatuários e britadores**

distúrbios mórbidos atacam os operários de pedreira, estatuários e britadores encontram-se seus pulmões cheios de pequenos cálculos morrem de falta de ar

**dos cardadores de linho, cânhamo e seda**

a maceração outonal do cânhamo e do linho é nociva: obriga obreiros a tossirem continuamente ficam pálidos, tossindo, asmáticos

**dos carregadores**

enfraquecidos os músculos do tórax por ter que carregar encomendas da black friday e modificada a estrutura pulmonar, tornam-se asmáticos enquanto jeff bezos vai de bilola pro espaço

**dos cortadores de cana**

estima-se que 30% destes trabalhadores tenham asma contra 4,3% da população mundial todas as casas perto dos canaviais são afetadas, ficam pretas pretas da fuligem que cai o trabalho na cana causa ainda mutilações, ferimentos, enfisemas, dermatites, rinites, conjuntivite, câncer, uma série de doenças respiratórias, distúrbios de sono, sofrimento mental.

## ASMA

*releitura de um poema famoso*

Essa terra tinha macaúbas,  
Onde cantavam o vira-folhas, o tiriba-de-peito-cinza, o caburé  
pernambucano,  
A choquinha-de-alagoas, o gavião-gato,  
Hoje extintos ou ameaçados.

Nosso céu tem mais estrelas?  
Não as vejo com a fumaça.  
Nossos bosques? Desmatados,  
Pro fabrico da cachaça.

Vou chiar, sozinha, à noite,  
Morrendo de falta de ar,  
Pois essa terra é latifúndio,  
Infinito canaviá.

Ilegais são as coivaras,  
E a fumaça é de lascar;  
Vou chiar – do dia à noite –  
Morrendo de falta de ar  
Pois essa terra é latifúndio,  
Infinito canaviá.

Não permita Deus que eu morra,  
Antes que a zona volte a ser mata;  
Para que eu desfrute dos primores  
Sem usar bombinha de asma  
E volte a ver as macaúbas  
Onde houve a reforma agrária.

## AULAS DE CIÊNCIA COM DRA. VASHTI

*toda essa mocidade enganada e roubada  
e a outra que morreu sabendo que a roubavam [...]  
Um dia nos libertaremos da morte sem deixar de morrer.*

JORGE DE SENA

### **Foi assim**

- ser humano nasce cresce trabalha na terra de todos e morre
- ser humano nasce cresce come e morre
- ser humano nasce cresce faz cocô e morre
- ser humano nasce cresce transa e morre
- ser humano nasce cresce fofoca e morre
- ser humano nasce cresce cata piolho e morre
- ser humano nasce cresce fica deitado e morre
- ser humano nasce cresce toma banho de rio e morre
- ser humano nasce cresce caça o almoço e morre
- ser humano nasce cresce honra seus mortos e morre

### **Agora é assim**

- ser humano nasce cresce noia e morre
- ser humano nasce cresce lava prato e morre
- ser humano nasce cresce acumula lixo e morre
- ser humano nasce cresce tira selfie e morre
- ser humano nasce cresce paga aluguel e morre
- ser humano nasce cresce trabalha pr'um rico e morre
- ser humano nasce cresce se endivida e morre
- ser humano nasce cresce dá scroll e morre
- ser humano nasce cresce toma antidepressivo e morre
- ser humano nasce cresce não honra seus mortos e morre

### **Poderia ser assim**

- ser humano nasce cresce se organiza  
e sem deixar de morrer se liberta da morte

*Uma só onça,  
armada de sua natural fereza  
dá trabalho a muitos; que seria  
se muitas se unissem  
a vingar as injúrias  
cometidas pelos homens?*

PADRE MANUEL DA FONSECA, VIDA DO VENERÁVEL  
PADRE BELCHIOR DE PONTES (1752)

MILESIMA EDIÇÃO  
VOLUME UNICO  
A — Z



# LIVRO 5

## DICCIONARIO DE MEDICINA PHANTASTICA E DAS SCIENCIAS POPULARES

Contendo a descripção das causas, symptomas e  
tratamento de moléstias individuais e collectivas;  
Mezinhas para várias moléstias;  
Plantas medicinaes e seus usos;  
E muitos outros conhecimentos uteis

POR  
VASHTI SETE-BESTAS  
DOUTORA DA MULA RUÇA  
CABRITA DA PÁ VIRADA

R. GÉNISSE & A. DE LA CALLUNE  
AMARANTE DE LA CIGOGNE  
RUE DU COMMERCE, 5  
1890  
DIREITOS RESERVADOS. | DROITS RÉSERVÉS.

*As epidemias possuem aliados poderosos e naturais:  
os donos da terra, os coronéis, os delegados de polícia,  
os comandantes dos destacamentos da força pública,  
os chefetes, os mandatários, os politiqueros [...].*

JORGE AMADO

## 1501, AS MOÇORÓ

*Quem quiser entender sanguessugas e afins  
Leia este livro e poderá conhecer, assim,  
Muitas soluções boas e eficientes  
Para curar feridas antigas ou recentes*  
COMPILAÇÃO DE RECEITAS MÉDICAS  
EM DÍSTICOS RIMADOS (INGLATERRA, SÉC. XV)

No fresco do mês de agosto  
junto ao rio que nos nomeia  
apareceu, tenebroso,  
peixe de pano e madeira.

Em cima do peixe uns bichos  
que nunca vimos iguais  
vestidos, cabeça aos pés:  
qual nome dos animais?

Do peixe saem dois deles  
que não respeitavam nada  
roubando nossos palmitos  
bebendo da nossa água.

Três dias observamos  
lá no mato, escondidas  
mas depois de tanto roubo  
nós nos fizemos ser vistas.

No susto ofereceram  
caco de espelho e guizo,  
que até eram bonitinhos  
mas que de nada serviam.

Recusamos a amizade:  
os vizinhos potiguares  
já nos tinham avisado

qu'os bichos eram larápios.

A dupla não desistia,  
querendo negociar,  
encheram tanto o saco  
que nós nos vimos forçadas

a fazer deles jantar.  
Um outro quis ter vingança  
se mete à besta conosco  
mas minha mãe arretou-se

deu-lhe a tacape no coco.  
Foi daí tal confusão  
batéis detidos nas pedras  
os brancos errando tiros,

a gente metendo flecha,  
onças e antas correram  
brancos fugiram também  
e as Moçoró avisaram:

Aqui não é terra de ninguém.

## 1646, TEJUCUPAPO

Te emancipa, mulher, foi o que ouvi  
de Maria Camarão quando eu disse que achava  
os galegos bonitinhos e tinha pena de escaldá-los  
desses bofes não se salva um

Nem moreno nem ruivo nem galego  
completou Joaquina, braba que era, o bute caiana  
jogando malagueta na panela  
quando a água começava ferver

Tá bom tá bom respondi borocoxô  
me despedindo mentalmente  
das furunfadas que não dei nem darei mais  
nos galalaus de olho azul

Prestar não prestava nenhum  
eu vi do que essa laia era capaz em 1501  
quando de Mossoró saí andando  
pra nunca mais voltar e fui parar ali

Marias, Quitérias e Claras lixavam o frejorge que servia  
pra dar cabo em holandês e pra cabo de enxada  
o frejorge aliás é da mesma família da erva-dos-bofes,  
planta de nome maravilhoso, top contra asma.

## 1650–1720, CONFEDERAÇÃO DOS KARIRI

Entendi nada, respondi, girando os olhos  
pra catraia da outra aldeia  
nos chamando pra guerrear juntas  
usando aquela língua véa feia.

A essa altura já fazia bem três anos  
que botamos as diferenças de lado  
tentando botar pra correr  
o inimigo comum, insuportável.

Olhe que mesmo sem gostar  
daquele bando de biraia  
pouco tempo antes quase tomamos Natal  
de tão valentes e organizadas!

Bora noiada tu vai ficar batendo boca ou vem pra  
emboscada? gesticulou a tribufu sem me dar  
escolha. Não gosto de tu mas vou pela peitica,  
respondi levantando, uma mão no bacamarte

e a outra na azagaia, sem fazer ideia da chacina  
que viria na sela dos paulistas, mas não importa:  
só quem não pode com o pote  
é quem não pega na rodilha.

## 1719, CONFEDERAÇÃO DE MANDU DOS ABELHAS

A última vez que vi Mandu, remendava macambúzia as toalhas da capela nas imediações de Gravatá, chamada então “do Jaburu”. Ele andava encaralhadíssimo, com razão, para lá e para cá.

Frei Lucé morrera há pouco e o padre novo, um tal de Martinho, tinha queimado os símbolos sagrados dos indígenas. Mandu disse, em português, em vão ajeitar toalha de capela que vai pegar fogo. Retruquei, envergonhada, que eu ali só obedecia.

Alguns o chamavam de Mandu Ladino, porque era esperto. Nunca gostei desse apelido, preferia o que aludia à sua nação: dos Abelhas. Seu povo vivia em harmonia com as teúbas do Parnaíba até ser exterminado, na frente de Mandu menino,

pelo mesmo lisboeta que fuzilaria Mandu crescido, décadas depois, quando ele, cacique de várias nações, atravessava o Igarassu piauiense a nado. Foi encantando marimbondos que Mandu aterrorizou latifundiários, bichos que ele guardava em caixas

que dava às mulheres para que elas jogassem nos brancos, tática guerrilheira que misturava astúcia e mágica. Na última vez que o vi, Mandu falava: quando todas as nações se unirem voltaremos a encantar abelhas. Ele, o pioneiro das retomadas,

cumpriu a própria palavra recusando a língua do Próspero lusitano, que aprendeu a usar à risca, e voltou a falar na sua, reunindo sob seu comando sete nações indígenas. Em 1721, no dia dos namorados, venceu tropa inimiga com pau, facão, pedra e flecha

com pontaria de deixar Cupido com inveja. Seu sonho era descer o Parnaíba até o mar e lá formar grande exército com os Tremembés, rock stars da guerra, sem saber que eles tinham sido aniquilados

em traiçoeira ação dos brancos.

Quando cheguei no Araripe, exausta, ainda nisso se falava. Os feitos de Mandu reverberavam à boca pequena, inspiravam pequenos atos de desobediência. Dizem que os que não morreram no Igarassu fugiram para o Maranhão e lá organizaram balaiada.



## 1817, REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA

Nem me lembro mais como eu fui parar  
no Araripe, deve ter sido atrás  
ou fugindo de macho,  
isso faz mais de cem anos, sei lá.

Só sei que um dia sinhá Bárbara me perguntou  
o que eu achava da revolução. Fudeu, pensei.  
Eu, ama de casa, qual a resposta que essa véa  
quer de mim?

Sempre olhando pra baixo, pro pano  
que costurava, respondi: olhe, sinhá, aprecio  
a liberdade de culto e de imprensa, mas sem abolição  
sua revolução é patacoada.

Pra evitar castigos emendei, mentindo:  
Mas sou apenas uma costureira ignorante  
andarilha sem eira nem beira  
capaz de eu estar errada.

Havia demandas justas na revolução,  
está claro: era errado pagarmos impostos tão altos  
para manter o rio de janeiro iluminado  
enquanto o Nordeste vivia na escuridão.

Além disso eu até ia com a cara do Padre Roma  
que deixou no mundo um filho, Abreu e Lima, e Livros  
na Gran Colombia virou general de Bolívar, e foi de apoiador  
da coroa a socialista a monarquista de novo, meio Roberto Piva.

Soltando fogo pelas ventas, dona Bárbara me botou  
pra correr. Achando melhor ser banida que vestir paletó  
de madeira, juntei meus panos de bunda e saí andando,

só parei seis dias depois, quando cheguei no Polo Serrano.

## 1825, REVOLTA DOS PÊGA

Lá longe cochichavam, embaixo do cajueiro,  
vó Luiza e seu João. Ele olhava pra ela enquanto  
falava e ela, acorada, respondia olhando pra baixo,  
desenhando alguma coisa com um graveto, no chão

Vó Luiza e seu João poderem se acorar, apesar  
de terem mil anos, me surpreendia menos do que  
sua habilidade de mobilizar dezenas de parentes  
contra os brancos, os “liberais” e “republicanos”

que queriam nos enxotar das terras  
e enxotaram mesmo. Quando nos unimos,  
eles nos fuzilaram quase todos ao pé de uma cruz,  
na estrada pra Natal e lá mesmo nos deixaram

Seu João dos Pêga só conseguiu escapar  
porque se fez de morto no meio na montanha  
de defuntos ao pé da cruz. Morrer só morreu mesmo  
de velho, escondido nas grutas da serra

Quando alguém o via ele fingia ser assombração  
pense num cabra esperto: se fazendo de alma  
ele fazia sermões que formaram incontáveis radicais.  
Vó Luiza conseguiu fugir e me levou na cacunda,

mas foi apunhalada pelas costas enquanto rezava,  
idosa, embaixo do cajueiro. Eu só não morri porque,  
miúda, me escondi numa cacimba. Quando a coruja  
rasgou mortalha saí do pote, calcei a chinela ao contrário,

fui embora: quando dei por mim tinha ido parar em Maricota,  
perto do Catucá. Foi lá que aprendi com outro João  
que chá de mulungu apazigua tristeza e lambedor da folha

da mangueira apazigua a falta de ar.

## 1814–1835, QUILOMBO DO CATUCÁ

Quando cheguei em Maricota  
o mafuá de 1824 já estava passando  
e no local onde bati à porta, pedindo guarida,  
encontrei três Joãos: Bamba, Pataca e Batista

Parte do quilombo ficava na cidade  
que cem anos depois se chamaria Abreu e Lima,  
homenagem ao mesmo herói paradoxal  
de quem já falei mais acima.

Em uma das vezes que o Catucá foi atacado  
feriram João à bala mas nem assim ele foi capturado.  
Resgatado por parentes, curado pelas ervas sagradas  
João Batista a.k.a. Malunguinho

virou o portador da chave mágica  
com a qual abria cativeiros e senzalas  
sem que ninguém nunca descobrisse  
como ele conseguia destrancar tanta tranca,

sendo por isso alçado à categoria de divindade  
na Jurema. Como se não bastassem as coincidências,  
em Abreu e Lima foi que aprendi que chá de folha  
de manga é talvez o melhor remédio pra asma.

## 1852, GUERRA DOS MARIMBONDOS

Putá que pariu murmurei amuada  
enquanto ouvia o relato de mais um João  
dessa vez o dos Remédios, velho benzedeiro,  
meu compadre e camarada.

Seu João vinha trazer a notícia  
de que governo central queria tirar da igreja  
os registros de óbito e nascimento  
e instalar um registro central, um tal de censo.

Seu João que patacoada, respondi,  
a mão nas ancas, malcriada.  
Depois que os ingleses proibiram o tráfico  
é assim que vão manter o trabalho escravo?

A comadre entendeu tudinho, respondeu, pode  
ser até que eu esteja errado, mas não dá pra confiar  
em rico articulado e unido, quando a gente der fé,  
eles reescravizam a gente nas lavouras do café.

Que rima ruim, seu João! manguei, e ele riu  
também. Mas me diga, emendei, o que eu posso fazer?  
Sou mulher e pobre, nem ler eu sei.  
Olhando pro que tinha atrás de mim, ele disse:

Comadre, aquela peixeira ali se tá cega pode ser amolada  
e pau da enxada se usa na roça, mas também pode ser arma.  
Chame marido, cunhada e menino, tempere a goela, calce  
percata e no dia um de janeiro estaremos todos na praça.

Pois assim merminho foi feito e depois de meses  
de zum zum zum em 29 de janeiro o decreto safado  
foi suspenso. Só vinte anos depois seria realizado

um novo censo, vitória que não caiu no esquecimento.

Quando os potiguares começaram a fazer auê contra imposto e recrutamento, nosso nome não estava esquecido, deram a eles o mesmo nome da gente, antes de finalmente darem à sua luta o nome de quebra-quilos.

## 1872–1877, QUEBRA-QUILOS

*[...] a maior parte dos sediciosos eram sertanejos,  
desertores, criminosos e sentenciados [...]  
DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 16 DE DEZEMBRO DE 1874*

Mulé olha o que tão falando da gente  
e empurrei o jornal pra mui concreta  
Joana Imaginária, aquela que dali uns vinte anos  
teria o único filho do Conselheiro.

Ainda bem que não sei ler kkk respondeu  
e soltou um muxoxo, espirituosa como ela era  
voltando pro angico com o qual mexia  
e dei graças a Deus por estar cercada de gente assim, atrevida

Foi por essa iconoclasta valentia que realizamos  
a maior revolta popular do século 19. Claro que  
não sabíamos disso, mas, sabendo por que estávamos  
infelizes, sabíamos pelo que protestar

Apesar dessa sabedoria fomos chamados de ignorantes,  
desordeiros, salteadores, criminosos, fanáticos... né lasca?  
Aquele tabacudo do Dom Pedro, que nunca pagou um boleto  
nem pregou um prego num sabão, vir chamar a gente (a gente!) de  
ladrão!

Ele achava mermo que a gente ia ficar aceitando,  
calados, as caçadas humanas, os recrutamentos forçados  
e imposto sobre o caralho a quatro  
a vida toda, sem reclamar?

Nos cartórios rasgamos muito papel  
e nos mercados quebramos muito quilo  
o sistema métrico oficial saiu ferido  
e a Lei da Cumbuca, despedaçada



O problema é que o rico vocabulário de revolta  
que acumulamos nas lutas anteriores também foi útil  
para os ricos: muita gente presa, muita gente morta  
muita gente forçada a ir embora

Eu achei que era boa hora de voltar pro Mossoró,  
já Joana achou melhor seguir pra Bahia,  
levando seu ventre sagrado  
(então ainda vazio)

Levou também consigo as ferramentas para moldar o angico,  
com o qual fazia maravilhas. O angico aliás é planta nativa  
que se bebe na Jurema e cuja casca, quando cozida,  
é uma maravilha no tratamento da asma.

## 1875, MOTIM DAS MULHERES

Depois de andar tanta légua tão tirana  
fazer tudinho que fiz desde sempre e sem morrer  
foi como “prêta já velha” que entrei para a história  
não mereci nem nome, nem maiúsculas, ao que parece

Joaquina de Souza, Maria Filgueira e Anna Floriano  
esposas de advogado capitão e latifundiário  
e brancas que eram, tiveram seus nomes  
pra sempre guardados nos autos

Já eu virei pra sempre, no ofício escrito pelo capitão  
João Paulo Martins Naninguer, apenas uma  
“prêta já velha”, como se eu estivesse no auê  
por acaso e não por consciência, porque quisesse

Veja, não é que esteja diminuindo a coragem  
das senhoras, pelo contrário. Nesse dia, mas só nesse,  
marchamos lado a lado: elas, contra o alistamento  
forçado de seus filhos pro exército,

e eu, contra a reescravização de meus meninos,  
pois havia sido alertada pelo meu velho amigo  
Antônio Hilário que “essa lei é pra recaptivar o povo!”.  
Acho curioso que o nome dele não tenha sido esquecido

e o meu nem escrito ficou, mas nesse caso até celebro  
pois ele, que se descrevia como “o maior homem do mundo”  
fez tanto pela gente (além disso não é todo dia que um homem  
a quem chamavam de “pardo” tem seu nome eternizado).

Eu já estava morta de cansada mas fuá era comigo mesma.  
Minha bengalinha não só me aprumava como dava para dar cascudos,  
excelente arma de pau de jatobá, cuja casca dormida no sereno

num copo d'água é excelente remédio pra asma.

*Foi ela que escolheu isso  
ou a isso foi conduzida  
Se a vida a conduziu  
quem conduziu sua vida?*  
FERREIRA GULLAR

**LIVRO 6**

**ASMA**

*É dito: pelo chão você não pode ficar [...]  
Pelas paredes você também não pode  
Pelas camas também você não vai poder ficar  
Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar*

STELLA DO PATROCÍNIO

*A história social brasileira [...] pode ser lida,  
com grande proveito, à luz das iniciativas oficiais  
no sentido de direcionar, estimular, conter e  
monitorar fluxos migratórios.*

HELION PÓVOA-NETO

## **No meio do caminho dei um braço a seu Leônidas**

que no outro carregava um rádio  
seus olhos azuis e a cabeça lisa, branca  
serão chamados na cidade grande  
para onde caminhávamos  
por acadêmicos nascidos em bairros  
arborizados e que foram a escolas particulares  
de privilégio

A esses traços se juntava o resto,  
as mãos grossas, o pescoço vermelho  
a sandália carcomida, de sola gasta,  
a calça já fina de tão usada, a camisa  
velha mas engomadinha, o relógio antigo  
que nunca precisou de conserto e o indispensável  
chapéu de feltro, elegante look do dia de todos  
os dias de um agricultor nordestino aposentado  
endividado no banco mais rico da América Latina  
a versão legalizada de agiotagem

Mais chique que o look era o Toshiba que seu Leônidas  
comprou já usado ainda nos anos 90 e que ainda  
funcionava: dois deques de fita, antena boa que pegava  
qualquer onda de rádio, com o qual todos ouvíamos as notícias  
e decidíamos, juntos, os rumos do resto da viagem  
passarinhos esperançosos porém sem asas  
tentávamos chegar na Babilônia metidos num  
paudearara um quase navionegreiro contemporâneo  
cruzando a rio-Bahia, cemitério a céu aberto de “nortista”  
o então mediterrâneo brasileiro

No trajeto nossos documentos foram apreendidos  
pelos agenciadores, fomos vendidos em Goiás  
a 1500 mirréis porque não tínhamos os 500 da passagem  
o saldo: um lucro e tanto para os motoristas  
e para os passageiros, meses de trabalhos forçados



*A elite local se mobilizou para livrar a cidade dos retirantes.  
O delegado de polícia sugeriu que fosse realizada uma triagem e um cadastro e, com esse levantamento, tornar obrigatório o uso de uma placa, que funcionaria como forma de identificação. Só quem tivesse esse crachá poderia mendigar em locais públicos.*  
GAZETA DO NORTE, MINAS GERAIS, 1939

**Quando finalmente chegamos em Montes Claros,**  
que nem era destino, apenas meio do caminho,  
não nos deixaram seguir viagem para são paulo  
pois não passamos no exame médico  
e por isso não nos dariam visto apesar de sermos,  
tal qual paulistas, brasileiros

A triagem era feita por uma empresa terceirizada  
baseada sabe-se lá em quais preceitos  
e pra completar a palhaçada ainda queriam  
espetar nossas camisas com uma plaquinha

Seu Leônidas logo se arretou e com razão  
quem já viu, um crachá de nordestino,  
receita varguista com catanga de nazismo  
que nos colocava no nosso devido lugar  
estragava nosso vestido de domingo  
que era também o único  
e nos autorizava a pedir esmolas  
quando a única coisa que queríamos  
era não ter que pedir  
nada  
a ninguém

*Há casos ainda, especialmente em Montes Claros, em que os trabalhadores alugam, por alguns tostões, a sombra de árvores, situadas nos quintais das casas, a fim de não ficarem inteiramente desabrigados.*

BOLETIM DO SERVIÇO DE IMIGRAÇÃO E  
COLONIZAÇÃO DE SÃO PAULO (1941)

**Se quiser ficar na sombra tem que pagar**

ouvi do véio, a mulé atrás dele, curiando

Eu falei como é meu senhor?

Ele repetiu, concluindo:

Se quiser vagabundar de graça volte pra sua terra

é lá que ninguém trabalha, mas aqui é diferente

Sem me mover eu disse

Véi, eu tenho idade pra ser sua tataravó e devo ser

feche seu cu que a sombra quem faz é a árvore

a árvore quem fez foi a semente

a semente quem fez foi Deus

igual ele fez eu e o senhor, infelizmente

Ah dona Maria, responde o arrombado, insistente

quando Deus fez a semente

que pariu a árvore que faz a sombra

plantou a semente na minha propriedade

dentro da minha cerca, fruto da minha herança

que recebi cumprindo a vontade d'Ele

que fez de mim um primogênito

*Ainda em dia dessa semana, em nossa redação estiveram três pobres mulheres que vieram nos explicar suas situações de penúria e pedir um auxílio, pois que foram jogadas na rua, não podendo nem ao menos ficar no casarão imundo, fétido e insuportável, onde estão alojados os demais flagelados [...] não recebem comida porque vieram sozinhas sem um homem que as acompanhassem. Por isso, foi lhes negado também o passe para*

*São Paulo.*

*GAZETA DO NORTE, MINAS GERAIS, 1939*

**Bela merda, pensei, cansada,**  
eu já tinha vindo sem querer  
querendo pra essa terra mermo,  
onde todo mundo me chamava de bahiana  
apesar de ser de outro estado  
não tinha passado no exame médico  
pois disseram que vim sozinha, mesmo tendo  
chegado com minhas amigas, o que faltava  
era um marido, na opinião dos pareceristas,  
e como se não bastasse aprendo  
que nessa terra até pela sombra se paga

O tempo que antes eu perdia com martelo na cama,  
agarrada na bolsa pra não ser roubada  
olhando pros lados, tesourinha de unha no bolso de trás  
um aro de chave em cada dedo  
agora perco trabalhando pros outros  
vendendo jornal de manhã  
buscando roupa suja  
e entregando roupa lavada de tarde  
ou procurando emprego  
ou na fila do seguro-desemprego  
em entrevistas com senhorios para  
alugar casas que nunca recebo

Aí volto pra sombra no fim do dia, exausta,  
onde moramos todos, nossa casa,  
nossa farmácia, eu com Baleia Solimões Bode Ioiô  
em Pirapora, como Sete Mares à sombra da farmácia  
deles, em *Omeros*

É estranho que queiram nos deportar  
apesar de brasileiras e que queiram nos despejar  
de uma sombra, não estranham que uma sombra  
seja casa de gente, mas estranham que busquemos  
abrigo, pode uma coisa dessa?  
Estranhos são esses brasileiros  
com sobrenome italiano e se achando  
a última coca do deserto

Eu tava quase em pé saindo só por orgulho  
mas morrendo de vontade era de tirar uma soneca  
depois de um longo dia, quando escuto lá longe  
a cavalaria, virada num mói de coentro

## É PROIBIDO NADAR

*Na cultura das ruas, quem não trabalha não é o vagabundo.  
É o encostado; coisa que um vagabundo jamais seria, já que a ontologia do ser  
vagabundo é o contínuo caminhar.*

LUIZ ANTONIO SIMAS

*É proibido cochilar*  
OS TRÊS DO NORDESTE

Há de se reciclar a água cinza e é necessário  
pr'aguar as plantas, limpar a casa, lavar a roupa,  
pratos eu gostaria de lavar menos, mas não há jeito  
porque comer é um fazer de todo dia e um direito  
nem em pé fica saco que se esvazia, é inevitável

A pé quem muito anda bem longe chega,  
se tiver boca é até capaz de alcançar Roma,  
mas você lá só vai entrar se tiver visto,  
se não tiver dê meia-volta e siga andando  
pois se tentar ficar por lá irá em cana

O açúcar é doce, mas o da cana é trabalho amargo,  
como o xadrez pr'onde te mandam, revoltado ou quieto,  
pobre não pode ficar na sua nem na dos outros,  
se tá parado será tratado como suspeito,  
se em movimento será taxado de criminoso

Andar não pode, ficar parada pode tampouco,  
ficar nadando (sem fazer nada) não é bem-visto,  
em todo canto é quase sempre a mesma história:  
não incomoda aquela que não faz perguntas  
a que reclama será tachada de baderneira  
a que recusa trabalho horrível, de vagabunda.

[...] “bahianos” – sejam quaes forem os  
seus pontos de procedência [...].  
O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO,  
RIO DE JANEIRO, 1939

### **Avia, avia, dragão!**

Gritou o homem  
É vaqueiro ou oficial de justiça?  
respondi deitada  
mesmo sabendo de quem se tratava  
com seu mandado de despejo na mão  
aí gritou o arrombado  
Avia, baiana!

Baiana nada mugi girando  
com ódio mas devagarzinho  
pra provocar, mesmo: e nem dragão!  
se aqui o bicho sou eu como pode ser  
que o burro seja tu, besta de duas patas  
sentado na de quatro?  
eu sou de outra cepa que não a tua  
esquentei Jesus menino com meu bafo  
dou de comer aos carnívoros  
sem meu consenso  
as chinelas de teus pés é minha pele  
arrastei os arados que produzem teu alimento  
dei-te de mamar direta ou indiretamente  
paguei meu feno meus saldos os soldos dos cascos  
as tetas já arriadas de tanta ordenha  
não importa o quanto eu trabalhe:  
é assim com despeito e despejo que me tratam  
se eu não der leite ou carne,  
se eu não der mais para trabalho pesado  
ou simplesmente  
se envelheço

Botei meu walkman enquanto encaixotava

meus panos de bunda meus quembembes  
de tantos anos, de novo: pedrinhas conchinhas  
cartinhas xicrinhas folhas secas sabonetinhos  
fora da validade e as lembranças de Solimões  
tão lindo por onde andará o coitado?  
da macharada toda guardei lembranças  
mas só Solimões prestava

Sou obrigada a ir embora mas não sou obrigada  
a passar sem música, chicote e grito de macho  
já me basta, mas com uns headphone desse tamanho  
ele pode se esgoelar, vou fazendo tudo devagar  
pra arretar o capanga, a lei não me protege,  
e eu só saio pra evitar surra, mas de última hora  
e não sem antes fazer um barraco

O que é lasca é que não tem música  
sequer de Olivia Rodrigo  
que tudo sabe  
que fale  
do que eu tô passando:  
Vashti  
Miniotária  
Minotaura  
Inquilina de sombra  
Refugiada  
Rapariga  
Vaca...

## DEPORTA-PORTA

*releitura da versão de Gugu Liberato para a canção infantil O trem maluco*

O trem de doido  
quando sai de Pirapora  
vai fazendo “bora, bora!”  
até chegar em BêAgá

Deporta-porta  
tu diz que quer trabalhar  
tu diz que tu quer dar duro  
mas trampo não vou te dar

Deporta pai mãe filha  
é tudinho paraíba  
tem mais é que deportar

Um pouquin de eletrochoque  
um pouquin de gardená  
Nordestino vêm pro sul  
pro meu emprego roubar  
que se foda se têm fome  
tem mais é que internar

Deporta pai mãe filha  
é tudinho paraíba  
eles que vão se lascar

Um pouquin de eletrochoque  
um pouquin de gardená  
pego esses estrupícios  
meto todos num hospício  
é tudinho vagabundo  
e só querem vadiar



**Ah Xerxes que pena que me pegas nesse estado**  
enrolada em trapos que ganhei de Zósimo da Palestina  
e comendo tarequinhos feitos de meu cuspe

Se tu tivesse achado alguns séculos mais cedo  
as bolinhas de papel que atirei pelo caminho  
me encontrarias talvez em melhor forma  
quaselivre em uma terra que não era minha  
mas também que não devia ser de ninguém  
ou talvez ainda antes com lanças na mão  
em vez de vassoura  
fazendo chá de salsa  
pra dar praquelas de nós que não queriam mais  
estar grávidas

Mas Xerxes se essa é a hora que tens  
então essa é a hora e tudo bem  
só que eu tô tão cansada Xerxes querido  
e tão doida tão doida de remédio que me socam  
goela abaixo que até me impressiona  
que ninguém tenha percebido

Então vou levando fingindo que tudo bem  
até que alguém note e note: se vim até aqui  
de pés descalços como Shakira  
naquele disco fique você sabendo  
Xerxes querido que eles estavam esfolados  
quando cheguei e ainda que romantizem  
o sofrimento eu preferia mil vezes  
ter feito todo o trajeto sentada  
e de sapato

Mas sobretudo Xerxes meu bem eu preferia

nunca ter sido expulsa da Pérsia  
por ter dito aos senhores pra irem à merda  
e antes e depois disso e desde então  
e pra sempre e de novo e de novo  
e novamente ter que ir embora  
do Planalto da Borborema  
de cada uma das Quinze Ilhas  
e de todos os outros lugares onde passei  
tudo por causa de um homem atrás de outro  
que, sofrendo, nos fizeram sofrer  
desde antes d'eu nascer  
sem parar e em dobro

### **Quando a mais velha de nós**

com quem compartilhei sombra bucho e nome  
partiu desta pra melhor  
abrimos um vinho de Navarra  
não era caro mas era meu  
e cuidei de bebê-lo fresco  
fazendo jus ao ritual de  
brindar os mortos:  
chorar, encher a cara

Flores passei a jogar todos os meses  
onde jogaram seu corpo de indigente  
dias quatro viraram dias santos  
mentira santos não eram  
eram mais de heresia:  
chamo meus mortos, batemos papo  
aliás nunca sei, ao lembrar deles  
e ao cantá-los, se os faço felizes  
ou se estou aporrinhando

De todo jeito o bom do vinho  
é perder o medo do papel em branco  
me acocoro à sombra com o papel pertinho  
escrevendo como se escrever fosse respirar  
igual a Jorge de Sena às vezes se me deixam  
em paz consigo escrever em mesa esse sim  
um móvel metafísico onde alguns comem um pouco  
muitos outros não têm nada para comer  
e só uns poucos se empanturram  
meu espanto é que escrevo, mas não respiro  
vou asmática, chiando

À algazarra da escrita se junta  
Gonzalo de Berceo voando no tapete do meu vinho  
e caderninho, me dizendo: escreva poemas nessa  
refrescante língua, sem frescura, escreva do mesmo

jeito que as pessoas falam com seus vizinhos

Lá vem tu me dar conselho, eu queria era me deitar  
contigo Gonzalo, deixa de ser otário  
queria abrir o zíper de tua santa calça,  
ver o que lá vive, sonhar que seria meu,  
cuidar de bebê-lo fresco  
fazendo jus ao ritual de  
brindar os vivos:  
fazer festinhas, sexo, versos

Gonzalo era bonito mas era donzelo  
ou então não me quis mesmo,  
por despirocada ou sem piroca,  
sei lá eu

## **Saímos do assim chamado curral de bárbaros**

voando, não se esqueçam: esse poder veio de asas azeitadas,  
uníssono, as coisas que a imaginação pode quando deixa  
de ser linguagem e é posta em prática

Quando uma deu a ideia e a receita as outras se  
animaram e seguiram, não à toa voam aves em triângulo  
e não seria diferente com as vacas

Ah mores e quando finalmente decidimos  
implodir aquele balaio foi um escândalo  
a última vez que tinham visto boi voando foi em 1644  
o coitado do meu primo, empalhado, preso num fio,  
em cima do rio, revolitando. Ideia de Nassau, aquele boyzinho  
tabacudo, dando polícia e imposto disfarçados de  
pão e circo

Não é entretenimento nosso voo, é de raiva:  
me pediram um visto e eu não tinha, claro  
que eu não tinha, sou cidadã nacional,  
viajando dentro do meu país, não posso?

Ah, não agrado? Ah, não sou benvinda?  
Por não ter papel  
por protestar por sombra  
por ser paroara  
por viajar “sozinha”  
nos deram assim atestado de sandice e nos meteram  
a mim e minhas amigas no trem de doido,  
já pensasse?

Vocês acham mesmo  
que eu ia ficar a vida todinha quieta,  
manzanza, sem reclamar,  
ruminando?

Eu mermo não.

**Aqui me encontro de novo batendo em retirada**

punhado de ossos e cabelos, que não me faltam  
metida nesse look de poliéster  
que comprei à prestação  
na magazine luiza já que infelizmente  
não posso chegar pelada  
ao resto da minha vida

Quando lá chegar ainda estarei pagando  
os boletos junto com a passagem de ida  
estejam certos, e quando quitar já será hora de  
planejar a volta, ou outra partida,  
porque no império é assim, ou vai embora  
ou racha

E mesmo assim ainda tem uns tabacoleso  
pra dar nome chique  
a tudo: expat  
nômade digital  
autoexílio  
kkk  
meu chapa, o nome é imigrante mesmo  
vim porque me pagavam  
um salário e aqui não me matam tanto,  
é só isso, voluntária é a moça da sopa que ganho  
aos domingos

Eu, eu não vim sequestrada  
mas tô aqui a pulso  
por mim eu tava era na minha casa

*Já apanhei morangos na Andaluzia.  
Já fui cigana, já fui puta.  
GOLGONA ANGHEL*

**Mas ficar em casa também não pode**  
nem pelos cantos nem pelas paredes  
nem pelo chão nem pelos vazios e assim  
quando certo dia amante cafetão  
polícia ou senhorio  
(dá no mesmo)  
me pôs pra fora da sombra  
alegando descomposturas papeis dificuldades impostos  
excesso ou falta de documentos  
saí muitos anos antes de sair mesmo

Fiz as malas na cabeça primeiro  
enrolei o pano necessário para amortecer  
o peso das injúrias: a rodilha  
calculei dívidas em dinheiro  
e imateriais: os favores, as promessas  
contei os anos de cauções  
poemas boquetes e depósitos  
espaneí o teto  
estrategicamente escolhidas e poupadas  
as aranhas mais laboriosas que no verão  
comiam baratinhas e no inverno me faziam  
companhia

Toda uma série de cuidados  
só visíveis quando negligenciados  
coisas essas que ninguém celebra  
mas das quais todos dependem  
e reclamam quando malfeitos  
sobretudo cafetão amante polícia federal  
e senhorio

Também eu não aprecio o cheiro de água sanitária

mas para gorduras antigas  
vapor de suor  
jantares  
arrotos e peidos  
perdigotos  
não existe melhor químico

Tudo isso realizei com diligência  
reclamava porque reclamar  
é o que me resta  
e pela solidão das tarefas  
a ladainha é companhia

Quando certo dia e sem motivo  
Xerxes e todos os outros antes dele  
me botaram pra correr  
embora eu fui, embora eu ia  
pois é como diria Betty Flanders  
ou eu mesma  
Vashti Setebestas  
digo  
vou porque  
não há nada a fazer senão partir



## **A JORNADA DAS MIGAS**

*releitura de A jornada dos magos, de T.S. Eliot*

Um calor do caralho  
Apenas a pior época do ano  
Pra emigrar, 'inda mais légua tão longa:  
As serras são íngremes, e o calor, muito  
O mais vivo verão.  
Mesmo os jumentos reclamaram, cheios de dores, empacando,  
Até deitar, deitaram.  
Às vezes sentíamos saudades  
Das casas de parede-meia, dos alpendres,  
As pitombeiras tronchas de tanta pitomba.  
Os homens da trupe resmungando, enchendo o saco,  
Ou nos mandando apertar o passo,  
E as quartinhas secando, e a falta de abrigo,  
E as cidades hostis à nossa passagem, e os povoados  
Pouco amigáveis, e nas vilas empobrecidas  
O preço de tudo era altíssimo: que jornada difícil.  
No fim das contas decidimos terminar a viagem de noite  
Dormindo no chão,  
Ouvindo vozes interiores que nos diziam  
Mas que ideia de jerico.

Então quando clareou chegamos às gerais  
De temperatura mais amena, mas cheirando a racismo:  
o rio que aqui perto nasce, onde há barcos que pra trabalhos  
forçados nos levam, se chama São Francisco, nosso velho conhecido  
onde um homem branco como seu Leônidas  
mas com diploma e de jaleco que nos dá ou nos recusa o visto  
(apesar de também sermos, como ele, brasileiras) via atestado médico.  
Nos levaram para um boteco onde nos disseram haver comida,  
mas só podia entrar quem pagasse o prato antes de comer,  
ou trabalhasse um dia inteiro por uma ração só  
mas ninguém nos dava mais informação, e logo na sequência

ficamos sabendo que não poderíamos seguir viagem, que pena.

Tudo isso foi há muito tempo, mas eu me lembro  
e acho que faria tudo de novo, mas por quê?

Pelo quê?

Por isso: fomos forçadas ou convencidas

A crer que a vida e a morte em casa seriam severinas

Vida havia, com certeza, sem dúvida, havia provas.

Eu vi morte e vi vida, mas achei que eram distintas

A vida longe de casa é que era severina, como uma morte, a nossa.

Mas se a vida tem começo, eu penso que nunca finda

e que bonita me fica a esperança: qualquer lugar serve, pois o

que buscamos não tem endereço fixo, sendo sempre a mesma coisa

em todo canto: quanto mais trabalhador entisica, mais proprietário  
engorda.

**“Saio de meu poema**  
como quem lava as mãos”  
depois de um dia inteiro de trabalho sujo  
sujo o mundo com um poema  
que meu desespero julga  
necessário para certo alívio  
o desespero no entanto  
é hereditário e silencioso  
ainda que cause algum estrondo  
é contido como é  
contido em Gravata  
o açude do gado  
que por outro lado  
está eternamente gotejando  
vazando agonia  
nessa mola solta  
no colchão errado do dia a dia  
que mofa e por isso mesmo  
me levanto  
para buscar a água sanitária  
o pano e a raiva necessária  
para amolar  
a lâmina da faca  
bússola da vida

## ASMA

*A exposição remota de uma mulher a fatores de estresse traumáticos, como violência e abuso, pode ter uma influência particular na asma da próxima geração. É preciso considerar o estresse experimentado ao longo de toda a vida da mãe, não apenas o estresse que ela experimenta perto ou durante a gravidez, e considerar que experiências de trauma interpessoal são mais comuns entre populações minoritárias ou mulheres de baixa renda.*

KELLY J. BRUNST E OUTROS AUTORES

*[...] desde antes de eu nascer  
eu já não cagava, constipação ancestral  
certamente fruto de uma agonia anterior,  
que desconheço*

VASHTI SETEBESTAS

Escrevo com esse corpo que já morou no da minha mãe que, antes de ser abusada por tudo e todos, morou no corpo da mãe dela, e nessa época eu ainda óvulo, ainda antes de ser abusada por tudo e todos, morei na minha vó também e também mamãe morou no corpo da avó dela, que era muito pobre mesmo e que foi igualmente abusada por tudo e todos e vovó, que também nasceu paupérrima, antes de ser abusada por tudo e todos, morou ainda óvulo no corpo da avó dela, de quem pouco sabemos, ou melhor, de quem não sabemos nada

Escrevo nesse corpo que dentro do corpo de mamãe testemunhou os abusos sofridos por ela, que no corpo da minha vó testemunhou os abusos sofridos pela mãe dela, que no corpo da mãe dela, minha bisa, testemunhou as violências por ela vividas, que por sua vez no corpo da sua mãe, minha tataravó, certamente passou o mesmo, até chegarmos aos macacos primordiais, Adão e Eva

Nas Antilhas já cansado velho e cabisbaixo meu perebento Philoctetes acreditava que sua chaga

advinha não da picada de cobra ou d'um acidente de trabalho, com uma âncora, e sim que era resquício das correntes que prendiam os tornozelos dos seus antepassados: se não fosse assim, por que não havia cura para sua pereba?, era o que Philoctetes se perguntava

Guardadas as devidas proporções eu pensava o mesmo se o homem inventou foguete, foi à lua, explicou o arco-íris, escreveu o capital, a divina comédia, como pode não descobrir a causa e a cura da asma?

Depois fiquei pensando que descobrir, descobriram mas afinal não é algo que se vende na farmácia, que se cure com remédio, posto que resulta de negligência, pobreza e trauma, não é com bombinha de cortisona que se vai curá-la e só posso concluir que a asma que carrego é a cruz que carrega minha classe, meu gênero

Mas quem carrega cruz parado, tomba, e é por isso, senhores, que estou constantemente aqui e constantemente indo embora ao mesmo tempo o tempo todo

*Eu tô cansado. Muito cansado. Meu cansaço começou antes de meu nascimento. Eu sou um trabalhador desde quando minha mãe me carregava na sua barriga, trabalhando, e eu sentia sua exaustão. O cansaço dela está até hoje no meu corpo.*

SABEER HAKA, PEDREIRO E POETA

### **Fazer açude com cacos de louça**

colar os cacos de louça  
coletar os caquinhos no caminho  
resquício de casa-grande abandonada  
que achamos quando vamos buscar água

Fazer açude com meus cacos de louca  
acudir os cacos da louca  
cortar coentro e cebolinha  
os cheiros para sopas de mentirinha  
feitas com água cinza pra não desperdiçar  
a limpa, mas sem fogo que não podíamos  
bulir com brasa, vovó não deixava

Casar de mentirinha  
cuidar de verdade do romã  
explorar grutas e morros  
separar briga de cobra  
olhar por horas o moinho de pedra  
imóvel ancestral misterioso  
que fez e fará xerém  
eternidade afora  
que ainda lá se encontra  
e lá estará em mil anos,  
vivo como as baratas

Observar o esquisito das águas cinzas  
saindo do cano da cozinha  
e do chão do chuveiro separado da casa  
e da latrina conectada à fossa  
a fossa onde meu primo caiu  
que aduba a boa-noite,

a algaroba

O banho dos sábados  
a toalete diária na bacia  
a gilete das boas que durava mil anos  
e que vovô escondia  
das trelas da neta  
virgem suicida

A cisterna  
a quartinha  
a cabra comadre, ama de leite  
em quatro patinhas  
as não fotografias, os fantasmas  
de mãe Maria, de mã-Ina,  
de dona Ernestina que virou Glória  
depois de dar destino ao marido  
ou de prima Porcina, que andava armada,  
trabuco às costas, depois do estupro  
além dos outros antepassados  
que não ganharam registro  
ou cujos registros foram queimados,  
quando os havia  
fica Felipa Rodrigues, quasinvisível, na sala,  
num canto, suas aparições na hora  
da minha papa

Kein wunder que saímos como  
saímos praticamente andando  
e já com asma das barrigas  
violadas  
tanta violência  
tanto escárnio  
tanta doença  
tanta hipocrisia  
tanta vida

Eu achei que esse livro ia terminar com um fim  
assim como nos filmes FIM  
vestido de noiva, ordem cronológica  
mas é só o caminho de volta e  
toda volta é uma forma de ida  
que fiz pra reclamar  
não posse de coisas  
mas da história



*A ciranda acabou de começar!*  
CHICO SCIENCE

## AGRADECIMENTOS

Ninguém escreve livro sozinho. Este foi feito durante quase dez anos e milhares de quilômetros, percorridos de ônibus entre Pernambuco, Alagoas e Bahia, do litoral ao sertão em cinco viagens diferentes. Agradeço imensamente às pessoas que, nesta caminhada, me ofereceram estadia e/ou ajudaram a encontrar documentos, bibliografia, fotografias. Agradeço sobretudo a quem me confiou suas histórias.

Em Pernambuco, meu muito obrigada a todas as trabalhadoras de salão de depilação/beleza que me concederam entrevistas e que gostariam de permanecer anônimas; Ângela Maria dos Anjos, pelas incontáveis horas me contando da vida de imigrante sertaneja vivendo no Ibura; Carine Farias, Dé Cumaru, primo Amaro e às suas famílias; à equipe do cartório de Taquaritinga do Norte, pela disponibilização de documentos; Mayara Flores, Edilson, Lays Furtado e todo o MST-PE; Felipe Cavalcanti, Rud Rafael e todo o MTST-PE; Joel Datz e família; Euclides Vasconcelos, Bianca Dias, Jucinara Rodrigues, Rosana do Morro da Conceição, Elias de Pesqueira, Gêssica Amorim e família e todo mundo em Sítio dos Nunes; dona Maura; seu Leônidas, no ônibus de Recife para Serra Talhada, e seu Jairo, no ônibus de Garanhuns para Feira de Santana; Fabiana Moraes; seu Boanerges, Célio, Jó, José e Marcelo; seu Ivan, Adriano, Rafael, Nildo e Ricardo; minhas irmãs, meu irmão e as irmãs de meu pai; o guardião da Pedra Furada de Venturosa, as associações de artesãs de Garanhuns e Caruaru; seu Nino do sebo de Garanhuns, além de todos os vendedores ambulantes, motoristas de lotação, ônibus, Uber e táxi, garçons, garçonetes, cobradores e caixas com quem puxei assunto e que me confiaram histórias de exploração e de luta.

Em Alagoas, agradeço a Dão Barqueiro, Leila do mercadinho da Ilha do Ferro, seu Zé Ailton, Edivânia, Elvis; dona Vana, Mestre Aberaldo e seus filhos, além do cachorrinho Billy; Marcelo de Coruripe, seu Sulino, seu Fanka, Tainá, Edilson, Igor, seu Manuel, seu Carlinhos da Associação de Barqueiros de Piranhas, Anderson do Museu do Cangaço,

Carla de Angicos, seu José do mercadinho de Piranhas, seu Alberílio pescador e às bordadeiras de Entremontes.

Na Bahia, minha gratidão para Marcelo, Emerson, Teves, Diogo, Juliano, seu Paciência, Mari Bade, Pedro Bomba, Dani Davis e para cada estudante que me contou suas histórias de luta para se manter na universidade, na Bienal da UNE de 2018.

Em Berlim, agradeço às colegas no salão de depilação Maria Bonita, onde trabalhei como recepcionista, aos colegas da Pierre Boulez Saal, onde trabalhei como vigia, e às camaradas do GT Direito à Cidade.

Uma parte da pesquisa histórica sobre presos políticos antifascistas foi desenvolvida na residência artística Can Serrat, em El Bruc, na Catalunha, onde fui bolsista em 2015. Agradeço a toda a população do povoado pelas incontáveis horas de entrevistas, especialmente Jaume Escriu e Maria Lopez de Vergara. Em Paris, agradeço a Isabella Valle pela acolhida e a Phryné Pigenet, pesquisadora da Associação de Filhos e Filhas dos Republicanos Espanhóis e Crianças do Êxodo, pela entrevista em 2016. Em Girona, agradeço a Nanda e Boni por me receberam na sua casa em 2019 e em 2024 e por compartilharem comigo suas histórias de luta nas fábricas e de sobrevivência nas prisões espanholas pós-Franco.

Muito obrigada ainda a Schneider Carpeggiani, que desde 2004 acredita em mim; a Simone Paulino, Igor Gomes, Luiz Antonio Simas, Bozó Bacamarte, Sarah Tikva e a todo mundo da editora Nós por tornar este livro realidade. E agradeço demais aos colegas/amigos Carol Almeida, Carol Morais, Carol Peters, Priscilla Campos e editora Flecha, André Capilé, Manuella Bezerra de Melo, Eleazar Venancio Carrias, Douglas Laurindo, Cida Pedrosa, Joselia Aguiar, Marília Floôr Kosby, Maria Valéria Rezende, Claudia Lage, Regina Azevedo, Marília Santos, Júlia C. Hansen e Benjamin Moser; a Charlotte Thießen, Saman Hamdi, Mafalda Sofia Gomes, Helano Ribeiro, Érica Zíngano, Odile Kennel (pelas traduções) e dra. Anna Boreczky (pelo generoso envio do bestiário medieval húngaro). Agradeço imensamente à camarada Silvia Federici, por ser inesgotável fonte de inspiração (a noite que comemos uma pizza em Berlim, em 2017, é uma das mais legendárias de toda minha vida!), e ao Coletivo Sycorax, por traduzi-la para o português brasileiro.

Por fim, mas não menos importante: nada seria possível sem a alegria caótica e o amor da minha família: minha maravilhosa mãe, Clarissa, Raquel, Macaco, Manuel, Jéssica, minhas tias (especialmente Tia Bija e Cinha, que me acompanham em todas as minhas aventuras!), minhas amadas primas, Lukas (por amar o sertão tanto quanto eu!) e vovó e vovô, que fizeram meu caráter.

Alguns poemas deste livro foram publicados antes no *Suplemento Pernambuco* (em setembro de 2020 e junho de 2023), na *stadtsprachen* (com traduções para o alemão de Charlotte Thießen, em janeiro de 2022) e na *Morel* (maio de 2022). Uma versão em prosa foi publicada pela *Granta em Língua Portuguesa* em novembro de 2021. Aos editores desses veículos, muito obrigada pelo espaço.

Para conhecer as referências que dão base aos poemas, acesse o link: [adelaideivanova.com/asma/](http://adelaideivanova.com/asma/)

As epígrafes de autores estrangeiros foram traduzidas ao português por:

J. CRETELLA JR. E AGNES CRETELLA

(em *Dos delitos e das penas*, de Cesare Beccaria;

Editora Revista dos Tribunais, 1999)

JOÃO COSTA E DELFIM DE BRITO

(em *O processo*, de Franz Kafka; LeYa, 2012)

LÚCIA FURQUIM LAHMEYER

(em *Viagem pelo Brasil*, volume 2, de J. B. von Spix e C. F. P. von Martius; Edusp, 1981)

As demais foram traduzidas pela autora.

© Editora Nós, 2024

Direção editorial SIMONE PAULINO  
Editor SCHNEIDER CARPEGGIANI  
Editora assistente MARIANA CORREIA SANTOS  
Assistente editorial GABRIEL PAULINO  
Preparação IGOR GOMES  
Revisão IGOR GOMES  
Projeto gráfico BLOCO GRÁFICO  
Assistente de design STEPHANIE Y. SHU  
Tratamento de imagem CASA DO TRATAMENTO  
Produção gráfica MARINA AMBRASAS  
Coordenador comercial ORLANDO RAFAEL PRADO  
Assistente comercial LIGIA CARLA DE OLIVEIRA  
Assistente de marketing MARIANA AMÂNCIO DE SOUSA  
Assistente administrativo CAMILA MIRANDA PEREIRA  
Produção de ebook S2 BOOKS

Imagem de capa BOZÓ BACAMARTE  
“Carmarette da Garrafa Virada”, a cigana de São José do Egito.  
Galeria Marco Zero (2024).

*Texto atualizado segundo o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Nós  
Rua Purpurina, 198, cj 21  
Vila Madalena, São Paulo, SP | CEP 05435-030  
[www.editoranos.com.br](http://www.editoranos.com.br)

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
de acordo com ISBD

---

I93a

Ivánova, Adelaide

*Asma* / Adelaide Ivánova.

São Paulo: Editora Nós, 2024

200 pp.

ISBN: 978-65-85832-28-1

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

2024-387

CDD 869.1 CDU 821.134.3(81)-1

---

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva, CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: Poesia 869.1

2. Literatura brasileira: Poesia 821.134.3(81)-1

---